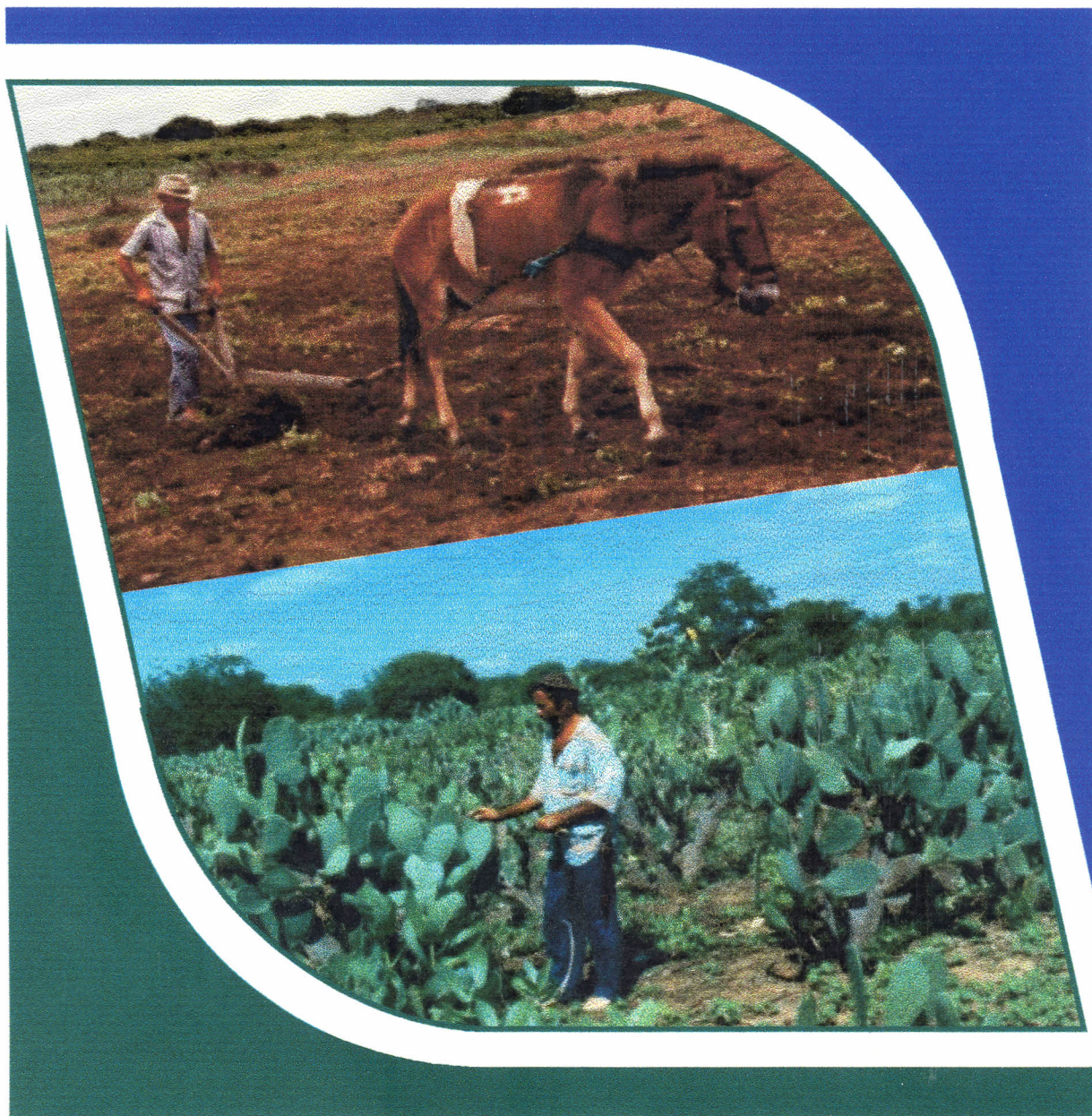


**DIAGNÓSTICO E TIPIIFICAÇÃO DOS SISTEMAS DE
PRODUÇÃO PRATICADOS PELOS PEQUENOS
PRODUTORES DO MUNICÍPIO DE GUAJERU - BA**



**DIAGNÓSTICO E TIPIFICAÇÃO DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO PRATICADOS
PELOS PEQUENOS PRODUTORES DO MUNICÍPIO DE
GUAJERU - BA**

Rebert Coelho Correia
Carlos Alberto Vasconcelos Oliveira
Carliene Nunes da Silva
Antônio Fonseca Fraga

Exemplares desta publicação podem ser solicitados à Embrapa Semi-Árido.
BR 428, km 152
Cx. Postal 23
Fone: (0xx81) 862-1711
Fax: (0xx81) 862-1744
56300-970 Petrolina-PE

Tiragem: 70 exemplares

Comitê de Publicações:

Luiz Balbino Morgado - Presidente
Eduardo Assis Menezes
Paulo Roberto Coelho Lopes
Martiniano Cavalcante de Oliveira
Clementino Marcos Batista de Faria
Mirtes Freitas Lima
Edineide Maria Machado Maia
José Nilton Moreira

Revisão Editorial: Eduardo Assis Menezes

Normalização Bibliográfica: Maristela Ferreira Coelho de Souza

CORREIA, R.C.; OLIVEIRA, C.A.V.; SILVA, C.N. da;
FRAGA, A.F. Diagnóstico e tipificação dos
sistemas de produção praticados pelos
pequenos produtores do município de Guajeru-
BA. Petrolina, PE: Embrapa Semi-
Árido/Salvador: CAR, 1999. 60p (Embrapa
Semi-Árido. Documentos 142).

1. Sistema de produção - Tipificação -
Diagnóstico - Brasil - Bahia - Guajeru. 2. Pequeno
produtor - Perfil socioeconômico - Brasil - Bahia -
Guajeru. 3. Propriedade agrícola - Estrutura - Brasil -
Bahia - Guajeru.

CDD 306.349098142

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

César Augusto Rabelo Borges

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Luiz Antônio Vasconcellos Carreira

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL - CAR

José Pirajá Pinheiro Filho

**PROJETO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DA REGIÃO
DO RIO GAVIÃO**

Coordenadora

Maria das Graças P. M. S. Pinto Leite

Subcoordenador de Monitoria, Avaliação e Tecnologia

Carlos Henrique de Souza Ramos

Gerente Regional

José Valadares Macedo

Monitoria

Orlando Moraes S. Filho

Paulo Ricardo S. Cerqueira

Cristiane Gonçalves de Oliveira

Chefe da UAP- Guajeru

Luciano Plácido Silveira

Equipe de Campo

Lucimeire de Jesus Passos

Mozart David Souza Netto

Gilberto Vieira Souza

José de Barros Inácio

**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa
Embrapa Semi - Árido**

CHEFE GERAL
Manoel Abilio de Queiróz

CHEFE ADJUNTO ADMINISTRATIVO
Luiz Henrique de Oliveira Lopes

CHEFE ADJUNTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
Luiz Balbino Morgado

CHEFE ADJUNTO DE COMUNICAÇÃO E NEGÓCIOS
Renival Alves de Souza

Colaboradoras
Willany da Cunha
Márcia Maria da Silva

SUMÁRIO

Resumo.....	7
1. Introdução	9
2. O Município de Guajeru - Área do Estudo	10
3. Metodologia	16
3.1.Coleta de Dados	17
3.2.Modelo Estatístico	17
3.2.1.Análise fatorial	17
3.2.2.Resultados e Discussão	19
4. Caracterização dos Tipos de Pequenos Produtores encontrados no Nordeste.....	21
5. Resultados da Amostra	22
5.1.Tipo 1- Agricultura de Sobrevivência	24
5.2.Tipo 2- Agricultura de Subsistência	26
5.3.Tipo 4- Pecuária de Subsistência	28
5.4.Tipo 5- Pecuária Diversificada de Subsistência	31
5.5.Tipo 7- Pecuária	33
5.6.Tipo 8- Pecuária Diversificada	35
5.7.Tipo 9- Pecuária com Agricultura Comercial	38
6. Perfil Econômico dos Tipos	40
6.1. Composição do Capital	40
6.2. O Perfil da Principal Fonte de Renda dos Proprietários	44
6.3. Crédito de Assistência Técnica	45
7. Perfil Socioeconômico do Segmento	46
7.1. Estrutura Econômica dos Produtores	46
7.2. Estrutura da Mão-de-obra	46
7.3. Nível de Instrução	46
7.4. Nível de Organização.....	48
7.5. Êxodo Rural	49
8. Produção e Renda	50
9. Comercialização	51
10. Conclusão	53
11. Bibliografia Citada.....	57
. Anexo	59

**DIAGNÓSTICO E TIPIFICAÇÃO DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO PRATICADOS
PELOS PEQUENOS PRODUTORES DO MUNICÍPIO
DE GUAJERU - BA**

Rebert Coelho Correia¹

Carlos Alberto Vasconcelos Oliveira¹

Carliene Nunes da Silva²

Antônio Fonseca Fraga³

Resumo:

Esta pesquisa teve como objetivo diagnosticar e tipificar os sistemas de produção praticados pelos pequenos produtores do município de Guajeru-BA, a partir de solicitação da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR-BA). Neste município, foi selecionada uma amostra de 100 produtores e um questionário contendo 670 variáveis foi aplicado. Posteriormente, foram geradas 86 variáveis complexas, a partir das variáveis simples (dados coletados). As informações foram analisadas através de técnicas estatísticas multivariadas. Os resultados mostraram a existência de sete tipos distintos de pequenos produtores, dos doze tipos encontrados no Nordeste: Tipos 1, 2, 4, 5, 7, 8 e 9 com a seguinte importância (%): 2; 8; 6; 13; 19; 50 e 2; respectivamente. Os mesmos foram caracterizados segundo o tamanho da família, dos rebanhos, produção vegetal e animal, áreas total e cultivada (culturas comerciais, subsistência e pastagens), índice de tecnologia e rendas diversas (agropecuária, aposentadoria e outras atividades). Estes tipos, com relação a política de transferência de tecnologias, priorização de ações de pesquisa e de investimentos, possuem demandas diferenciadas.

1 Pesquisador Embrapa Semi-Árido, Caixa Postal 23, 56300-970, Petrolina-PE.

2 Engenheira Agrônoma

3 Economista, Prof. Faculdade de Administração de Petrolina-PE.

1. Introdução

Uma revisão crítica sobre os programas e projetos de desenvolvimento agrícola voltados para o Nordeste brasileiro, mostra que, a despeito dos esforços feitos e dos recursos alocados, os resultados ficaram muito aquém do esperado. A razão para esses insucessos pode estar relacionada à falta de um conhecimento científico sobre a realidade agrária nordestina.

A complexidade do quadro rural do Nordeste brasileiro, principalmente no que se refere ao pequeno produtor, é um fato conhecido. Esta complexidade, aliada aos diferentes níveis tecnológicos dos pequenos produtores, resulta em propriedades agrícolas diferenciadas.

Considerando-se que a eficiência de políticas agrícolas é diretamente proporcional ao grau de homogeneidade dos grupos a que se destinam, o conhecimento dos fatores que diferenciam as pequenas propriedades agrícolas pode determinar o sucesso de programas de transferência de tecnologia, assim como contribuir para a priorização de ações de pesquisa.

Segundo Escobar & Berdegue (1990), os grupos homogêneos de produtores, objeto de processos de geração e transferência de tecnologias, devem ser identificados, não só em nível de zonas geográficas como, principalmente, em nível de propriedades agrícolas. A delimitação de zonas geográficas homogêneas pode ser necessária ou conveniente, porém não será suficiente. Neste contexto, políticas eficientes voltadas para a agricultura familiar devem ter como ponto de partida um diagnóstico prévio sobre a realidade agrária que se deseja trabalhar. Obviamente, não se trata apenas de identificar as limitações e as potencialidades geoambientais, socioeconômicas e histórico-culturais que formam o arco envolvente da agricultura familiar, mas, também, conhecer como interagem estes fatores no processo decisório da agricultura familiar.

É necessário levar em conta a peculiaridade segundo a qual em regiões mais desenvolvidas, com salários e direitos sociais, a mão-de-obra torna-se totalmente elástica. A demanda por essa mão-de-obra se dá em função dos baixos salários e por ser a produtividade marginal do trabalho muito baixa, em

setores rurais, o que importa sempre em salários pouco superiores ao nível da subsistência.

A força de trabalho migrada do campo para a cidade está subordinada a esse preceito, sendo fundamentalmente resultado da incapacidade de a atividade agrícola absorver o excedente de mão-de-obra do campo. Deve-se estudar, nesse caso, um aspecto que transcenda a visão estritamente econômica; o princípio da atividade agrícola de subsistência não é o lucro, e sim a extração de um excedente, fruto de parcerias, da renda da terra ou de outras formas de serviços pessoais, até de natureza não econômica, mas que deva atender a uma visão sociológica da formação dessas comunidades, mantendo os traços culturais, os laços familiares e os costumes.

A Embrapa Semi-Árido vem trabalhando há vários anos com os pequenos produtores do Trópico Semi-Árido no sentido de conhecer, classificar e hierarquizar os fatores que limitam o desenvolvimento da agricultura familiar na região. A partir dos estudos foi desenvolvida uma metodologia para tipificar os pequenos produtores do Nordeste semi-árido brasileiro.

Assim, por solicitação da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR-BA), pesquisadores da Embrapa Semi-Árido, com o apoio de técnicos da Cooperativa Rural do Sudoeste da Bahia (COOPERSUBA), realizaram uma pesquisa para diagnosticar e tipificar os sistemas de produção dos pequenos produtores dos treze municípios que fazem parte do Programa Pró-Gavião.

2. O Município de Guajeru – Área do Estudo

O município de Guajeru está situado no Sudoeste do estado da Bahia, distante 657 km de Salvador. A Figura 1 mostra a localização deste município em relação aos demais que compõem a área do Programa Pró-Gavião.

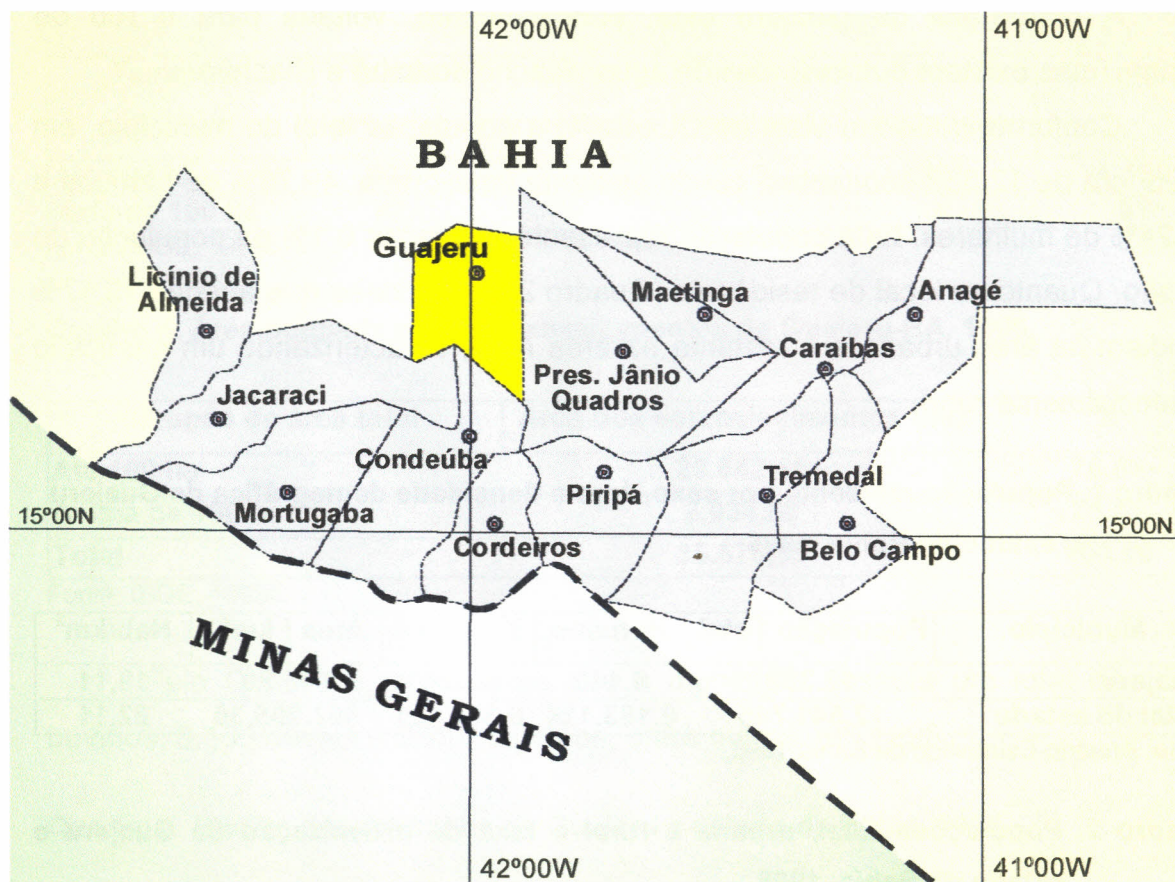


Figura 1. Localização geográfica do município de Guajeru-BA.

Ocupa uma área de 645.80 km² (Anuário Estatístico da Bahia, 1996), apresentando no relevo patamares do médio Rio de Contas, Planalto dos Geraizinhos. A sede do município está a 630 metros do nível do mar (Centro de Estatística e Informações, 1994).

O clima é caracterizado como semi-árido, com uma temperatura média anual de 21,7° C, máxima de 27,0° C e mínima de 17,5° C, com oito a nove meses secos, e regime de chuvas concentrado de novembro a janeiro, com precipitação média anual de 663mm, máxima de 978mm e mínima de 317mm.

A vegetação natural se compõe de: caatinga-floresta estacional e caatinga arbórea aberta, sem palmeiras. Os tipos de solos predominantes são: podzólico vermelho-amarelo distrófico, podzólico vermelho-amarelo eutrófico (Centro de Estatística e Informações, 1994).

A hidrografia de Guajeru está, principalmente, voltada para o Rio de Contas, mas existem outras fontes de água: Riacho do Imbé e Riachão.

Conforme pode ser visto no Quadro 1, a população total do município, em 1996, era de 12.339 habitantes, sendo bastante equilibrada: 49,76% de homens e 50,24% de mulheres. Esta população representava apenas 0,1% da população do estado. Quanto ao local de residência (Quadro 2), observa-se que apenas 13,17% residiam na área urbana e o restante na área rural, caracterizando um município essencialmente rural.

Quadro 1. População residente por sexo, área e densidade demográfica de Guajeru e estado da Bahia, 1996.

Município	População Total	Homens	Mulheres	Área (km ²)	Hab/km ²
Guajeru	12.339	6.140	6.199	645.80	19,11
Total do estado	12.541.745	6.183.124	6.358.621	567.295,30	22,11

Fonte: Anuário Estatístico da Bahia, 1996.

Quadro 2. Populações total, urbana e rural e taxa de urbanização de Guajeru e estado da Bahia, 1996.

Município	Total	Urbana	Rural	Taxa de Urbanização(%)
Guajeru	12.339	1.625	10.714	13,17
Total do estado	12.541.745	7.826.843	4.714.902	62,41

Fonte: Anuário Estatístico da Bahia, 1996.

No Quadro 3 observa-se que a quantidade de estabelecimentos do município com tamanho entre 1 e 100 ha, com um total de 1.150 estabelecimentos, representa um percentual de 95,75%. Os estabelecimentos com tamanho superior a 100 ha somam 51 unidades. Quando relacionado o número de estabelecimento com a área ocupada (Quadros 3 e 4), verifica-se que 95,75% dos estabelecimentos com até 100 ha ocupavam 29.642,45 ha, representando 78,89% e os 4,25% restantes, com área superior a 100 ha, ocupavam 7.934,50 ha, representando 21,11%.

Quadro 3. Número de estabelecimentos agrícolas de Guajeru-BA, 1996.

Tamanho	Terras próprias	Terras arrendadas	Terras em parceria	Terras ocupadas	Total
Até 100 ha	827	-	2	321	1.150
Mais de 100 ha	47	-	-	4	51

Fonte: IBGE, 1998c.

Quadro 4. Área ocupada pelos estabelecimentos de Guajeru-BA, 1996.

Grupos de área total	Área dos estabelecimentos (ha)	%
Até 100 ha	29.642,45	78,89
Acima de 100 ha	7.934,50	21,11
Total	35.576,95	100,00

Fonte: IBGE, 1998c.

Pelo Quadro 5, observa-se que o município possuía um total de 17.028 bovinos, 3.105 ovinos e 2.210 caprinos, entre outros, em 1996.

Quadro 5. Efetivo dos rebanhos de Guajeru e estado da Bahia, 1996.

Município	Bovinos	Suínos	Ovinos	Eqüinos	Caprinos	Galinhas
Guajeru	17.028	11.818	3.105	1.750	2.210	15.237
Total do estado	9.841.237	2.377.801	2.772.790	659.202	4.190.114	9.684.817

Fonte: Anuário Estatístico da Bahia, 1997.

Segundo o Anuário Estatístico da Bahia (1997), dos bovinos existentes em Guajeru em 1996, foram ordenhadas 4.530 vacas (Quadro 6), com uma produção anual de 1.613 mil litros de leite, com um valor médio de R\$ 0,36 por litro.

Quadro 6. Número de vacas ordenhadas, quantidade e valor do leite de Guajeru e estado da Bahia, 1996.

Município	Produção de Leite		
	Vacas ordenhadas	Quantidade (1.000 litros)	Valor (R\$)
Guajeru	4.530	1.613	584.311
Total do estado	1.459.079	668.155	236.492.468

Fonte: Anuário Estatístico da Bahia, 1997.

Das 15.237 galinhas que o município possuía em 1996 (Anuário Estatístico da Bahia, 1997), houve uma produção de 91.000 dúzias de ovos no valor de R\$ 45.711 (Quadro 7). Ainda segundo dados do Anuário Estatístico da Bahia (1997), apesar de o estado haver produzido, em 1996, 37.000 dúzias de ovos de codorna, em Guajeru não houve registro desse produto.

Quadro 7. Produção e valor dos produtos aves de Guajeru e estado da Bahia, 1996.

Município	Ovos de galinha		Ovos de codorna	
	(1.000 dúzias)	Valor (R\$)	(1.000 dúzias)	Valor (R\$)
Guajeru	91	45.711	-	-
Total do estado	56.229	39.848.491	37	14.001

Fonte: Anuário Estatístico da Bahia, 1997.

No estado da Bahia, 820 informantes declararam possuir depósitos para armazenagem e estocagem de produtos agrícolas. Destes, 773 são armazéns convencionais, estruturais e infláveis e o restante são graneleiros e granalizados (Centro de Estatística e Informações, 1994). No município de Guajeru não foi detectado nenhum tipo de depósito para este fim (Quadro 8).

Quadro 8. Armazéns e estocagem - informantes e capacidade útil por tipo de Guajeru e estado da Bahia.

Município	Total de Estabelecimentos	Armazéns Convencionais, Estruturais e Infláveis		Armazéns Graneleiros e Granalizados
		Informantes (nº)	Capacidade (m³)	Informantes (nº)
Guajeru	-	-	-	-
Total do estado	820	773	4.904.230	37

Fonte: Centro de Estatística e Informações, 1994.

Quanto à importância da produção agrícola de Guajeru, em termos de área cultivada, sobressai a cultura da mandioca com 800 ha cultivados. Outras de menor importância foram: milho em grão, feijão e algodão herbáceo (Quadro 9).

Quadro 9. Área colhida, quantidade produzida e valor das principais culturas temporárias e permanentes de Guajeru-BA, 1996.

Cultura	Área colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Valor (R\$1.000)
Feijão	100	45	26
Algodão herbáceo (caroço)	50	30	5
Mandioca	800	9.600	384
Milho em grão	150	90	10
Mamona	35	11	0
Manga (mil frutos)	1	10	0

Fonte: IBGE, 1998a.

Quanto ao pessoal ocupado por grupo de atividade econômica na zona rural (IBGE, 1998b), observa-se que a pecuária ocupa 50,33% do pessoal, em seqüência, a atividade mista lavoura/pecuária 22,03% e da lavoura temporária com 18,11% (Quadro 10).

Quadro 10. Pessoal por grupo de atividade econômica de Guajeru-BA, 1996.

Grupo de Atividade Econômica	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Lavoura temporária	469	545	1.014
Horticultura e produtos de viveiros	1	4	5
Lavoura permanente	3	5	8
Pecuária	1.384	1.434	2.818
Lavoura e pecuária (mista)	627	607	1.234
Silvicultura e exploração florestal	239	266	505
Pesca e aquicultura	-	-	-
Produção de carvão vegetal	8	7	15
Total	2.731	2.868	5.599

Fonte: IBGE, 1998b.

3. Metodologia

No município de Guajeru-BA, através da utilização de técnicas probabilísticas de amostragem, foi determinada uma amostra de agricultores com área inferior a 100 ha. Técnicos treinados, da Cooperativa Rural do Sudoeste da Bahia (COOPERSUBA), aplicaram um questionário para coleta de dados relacionados a estrutura social, estrutura de produção, composição do capital, desempenho dos cultivos, nível tecnológico, assistência técnica, crédito rural, comercialização e renda. A partir desta pesquisa, os órgãos de desenvolvimento agropecuário terão informações para estabelecer uma política coerente para cada grupo de produtores.

Para determinação do tamanho da amostra de 100 produtores, com área inferior a 100 ha, utilizou-se a técnica de amostra aleatória extratificada, segundo Sukhatme & Sukhatme (1970). De acordo com esta técnica, o tamanho da amostra em cada extrato - neste caso, o município - será diretamente proporcional à sua variabilidade interna, cuja expressão matemática é a seguinte:

$$n = \frac{\sum W_h S_h^2 / W_h}{v + (1/N) \sum W_h S_h^2},$$

onde:

W_h = peso do extrato;

S_h^2 = estimativa da variância do extrato;

N = tamanho da população;

v = estimativa da variância.

3.1. Coleta de Dados

No início do trabalho, foi ministrado treinamento para técnicos da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) e Cooperativa Rural do Sudoeste da Bahia (COOPERSUBA), para o preenchimento correto do questionários, e por meio deste, foi realizado o levantamento de dados dos pequenos agricultores.

Os dados obtidos foram digitados em uma estação de trabalho, utilizando-se o módulo FSP do Statistics Analysis System, SAS (1985). O sistema constituiu-se de quinze arquivos relacionados entre si mediante variáveis-chaves. Um segundo programa reuniu todos os quinze arquivos em um único, de maneira a permitir a elaboração de variáveis não obtidas diretamente do questionário (variáveis compostas), como renda bruta, custo total, nível tecnológico, área total com pastagens entre outros, que totalizaram mais 86 variáveis.

O passo seguinte foi identificar aquelas variáveis que mais contribuíram no processo de tipificação, eliminando aquelas de caráter redundante. Para tanto, inicialmente, foram feitas tabulações gráficas e numéricas, eliminando-se aquelas com baixo coeficiente de variação. Em seguida, calculou-se a matriz de correlação entre as variáveis resultantes do processo anterior, com o objetivo de identificar as variáveis que contribuíram com o mesmo tipo de informação. Nesta etapa, 14 conjuntos de variáveis foram identificados, tendo as variáveis de cada conjunto, alta correlação entre si. De cada conjunto, uma variável foi selecionada, chegando-se, portanto, a uma relação de treze variáveis compostas, a partir das quais foi iniciado o processo de tipificação e classificação dos pequenos produtores do município de Guajeru.

3.2. Modelo Estatístico

3.2.1. A análise fatorial

A análise fatorial é uma técnica de análise estatística multivariada que procura explicar variações, maximizando a informação não repetida. Consta de um método para condensar um conjunto de variáveis observadas dentro de um

conjunto menor de variáveis conceituais, que reproduzem, de maneira fidedigna, as correlações existentes no universo estudado. De acordo com este modelo, as variáveis iniciais passam a ser representadas por um conjunto menor de variáveis conceituais que as explicam.

O modelo estatístico da análise fatorial tem a seguinte expressão:

$$\begin{aligned}X_1 &= a_{11} \cdot F_1 + a_{12} \cdot F_2 + \dots + a_{1N} \cdot F_N + b_1 \cdot U_1 \\X_2 &= a_{21} \cdot F_1 + a_{22} \cdot F_2 + \dots + a_{2N} \cdot F_N + b_2 \cdot U_2 \\&\dots \\X_m &= a_{m1} \cdot F_1 + a_{m2} \cdot F_2 + \dots + a_{mN} \cdot F_N + b_m \cdot U_m\end{aligned}$$

onde:

$$\begin{aligned}X_i &= \text{Variáveis observadas (i = 1...m);} \\F_j &= \text{Fatores comuns (j = 1...N);} \\U_i &= \text{Fatores únicos (i = 1...m);} \\a_{ij} &= \text{Carga dos fatores comuns.}\end{aligned}$$

O conceito de análise fatorial baseia-se em técnicas estatísticas e matemáticas, através das quais pode-se trabalhar em um espaço n-dimensional. Ao aplicar estas técnicas, consegue-se estabelecer as relações entre as variáveis que detêm a mesma carga de informações. A utilização crescente dessas técnicas em pesquisa socioeconômica deve-se à necessidade de explicar o fenômeno estudado, com um menor número de fatores (variáveis conceituais) que aglutinem as informações de diversas variáveis pesquisadas. Teoricamente, o número de fatores corresponde ao número de variáveis selecionadas, mas como o objetivo é reduzir o número de componentes básicos sem grande perda de informações foi estabelecido um número de fatores que detenham, no mínimo, 65% da variação total. Existem vários métodos de extração de fatores. O método mais comum é o dos componentes principais, no qual o primeiro componente (fator) é o que expressa a maior variabilidade do fenômeno em estudo. O segundo componente é

o que expressa a segunda maior variabilidade não correlacionada com o primeiro componente e assim sucessivamente.

A relação entre os fatores e as variáveis pode promover uma rotação nos eixos dos fatores, de maneira que os mesmos sejam ortogonais entre si; se ortogonais, as cargas de cada fator podem ser interpretadas como coeficientes de correlação entre as variáveis e o fator. No presente estudo, os fatores foram ortogonalizados através do método Varimax do SAS (1989).

3.2.2. Resultados e discussão

Os resultados da análise fatorial podem ser resumidos na matriz de coeficientes rotacionada pelo método Varimax (SAS, 1989). Na Tabela 1, observa-se que os cinco fatores considerados explicam 65% da variação total.

O primeiro fator é dominado pelas cargas fatoriais das variáveis número de bovinos, valor total da produção animal e produção anual de leite. Considerando que as cargas fatoriais podem ser interpretadas como o coeficiente de correlação entre as variáveis e o fator considerado, conceitualmente, conclui-se que a exploração pecuária, no município estudado, é o fator que mais contribui para a diferenciação tipológica dos pequenos produtores no Semi-Árido do Nordeste brasileiro.

O segundo fator tem como carga dominante as variáveis das áreas com culturas comerciais e área com culturas perenes, o que permite concluir que a exploração de culturas de alto valor comercial é a segunda causa de maior diferenciação entre os pequenos produtores estudados.

O terceiro e quarto fatores tem como cargas dominantes as variáveis renda gerada pela venda de mão-de-obra e tamanho da família, embora com índices menores que os outros fatores (0,68 e 0,76, respectivamente).

Finalmente, o quinto fator tem como carga fatorial significativa a variável área com culturas tradicionais (arroz, milho, feijão e fava).

Tabela 1. Matriz de coeficientes rotacionada pelo método Varimax.

<i>Variáveis</i>	<i>Fator 1</i>	<i>Fator 2</i>	<i>Fator 3</i>	<i>Fator 4</i>	<i>Fator 5</i>	<i>COMUM</i>
Produção leite/ano	0,86	0,09	-0,01	0,02	-0,04	0,75
Número de bovinos	0,84	-0,06	-0,10	0,09	0,01	0,72
Valor produção animal	0,81	0,07	0,25	-0,01	-0,06	0,73
Área total	0,62	0,15	-0,30	0,01	0,11	0,51
Índice de tecnologia	0,53	0,03	-0,12	0,46	0,08	0,52
Área com pastagens	0,45	-0,06	-0,44	-0,22	-0,04	0,46
Culturas permanentes	0,06	0,98	-0,01	-0,01	-0,02	0,95
Culturas comerciais	0,08	0,97	-0,05	0,06	0,01	0,95
Venda de mão-de-obra agrícola	0,17	-0,08	0,68	-0,09	-0,12	0,52
Salários/rendas externas (não agrícola)	0,20	-0,01	-0,58	0,08	-0,14	0,41
Tamanho da família	-0,03	-0,06	-0,02	0,76	-0,23	0,64
Outras receitas	0,06	0,09	-0,05	0,51	0,20	0,31
Culturas tradicionais	0,01	-0,02	0,03	0,02	0,93	0,87

Levando em consideração estas variáveis conceituais, foi elaborada uma matriz de tipificação (Quadro 11), onde as variáveis da primeira coluna (área com culturas comerciais e tradicionais) foram cruzadas com as variáveis da primeira linha (rebanho e produção de leite). O cruzamento destas variáveis gerou doze tipos distintos de pequenos produtores (Oliveira et al., 1998; Oliveira et al., 1997), assim classificados:

Quadro 11. Matriz de tipificação

U.A. Área (ha)	U.A = 0	0 < U.A ≤ 5	U. A > 5	
			P.L. < 7.000 l	P.L > 7.000 l
A = 0	SOBREVIVÊNCIA TIPO 1	PECUÁRIA DE SUBSISTÊNCIA TIPO 4	PECUÁRIA TIPO 7	PECUÁRIA DE LEITE TIPO 10
0 < A ≤ 3	AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA TIPO 2	DIVERSIFICADA DE SUBSISTÊNCIA TIPO 5	PECUÁRIA DIVERSIFICADA TIPO 8	PECUÁRIA DE LEITE DIVERSIFICADA TIPO 11
A > 3	AGRICULTURA COMERCIAL TIPO 3	DIVERSIFICADA COM AGRICULTURA COMERCIAL TIPO 6	PECUÁRIA COM AGRICULTURA COMERCIAL TIPO 9	PECUÁRIA DE LEITE COM AGRICULTURA COMERCIAL TIPO 12

U.A = Unidades Animais

A= Áreas com Cultivos Comerciais

A=0 (área só com culturas tradicionais).

P.L= Produção de Leite

4. Caracterização dos Tipos de Pequenos Produtores encontrados no Nordeste

TIPO 1- Agricultura de sobrevivência - proprietários não possuem Unidade Animal (U.A.) e os cultivos explorados são aqueles considerados para autoconsumo (arroz, milho, feijão e fava), denominados como cultivos tradicionais;

TIPO 2- Agricultura de subsistência - proprietários não possuem U.A.; cultivam, além das culturas de sobrevivência, no máximo 3 ha de culturas de valor comercial;

TIPO 3- Agricultura comercial - difere do Tipo 2 por apresentar mais de 3 ha de cultivos comerciais: caracteriza-se pela exploração de produtos destinados, preferencialmente, ao mercado;

- TIPO 4- Pecuária de subsistência - proprietários não exploram cultivos comerciais; praticam uma pecuária rudimentar com, no máximo , 5 U.A. e os cultivos são para autoconsumo;
- TIPO 5- Pecuária diversificada de subsistência - este tipo caracteriza-se por possuir até 5 U.A. e apresentar no máximo, 3 ha de culturas comerciais;
- TIPO 6- Pecuária diversificada com agricultura comercial - estes agricultores, além de possuírem até 5 U.A., têm mais de 3 ha de cultivos comerciais;
- TIPO 7- Pecuária - estes produtores cultivam apenas culturas para autoconsumo; possuem mais de 5 U.A. e produzem menos de 7.000 litros de leite/ano;
- TIPO 8- Pecuária diversificada - caracteriza-se por possuir até 5 U.A., no máximo 3 ha de cultivos comerciais e produzir menos de 7.000 litros de leite/ ano;
- TIPO 9- Pecuária com agricultura comercial – possuem mais de 5 U.A., produzem, no máximo, 7.000 litros de leite/ano e mais de 3 ha de culturas comerciais;
- TIPO 10 - Pecuária de leite – possuem mais de 5 U.A., cultivam apenas para autoconsumo e produzem mais de 7.000 litros de leite/ ano;
- TIPO 11- Pecuária de leite diversificada - estes produtores têm mais de 5 U.A., 3 ha de culturas comerciais e produzem mais de 7.000 litros de leite/ ano;
- TIPO 12- Pecuária de leite com agricultura comercial - caracteriza-se por possuir mais de 5 U.A., mais de 3 ha de cultivos comerciais e produzir mais de 7.000 litros de leite/ ano.

A partir da tipificação foram agregadas outras características dos produtores dentro dos grupos.

5. Resultados da Amostra

O diagnóstico e a tipificação dos sistemas de produção utilizados pelos agricultores do município de Guajeru-BA, constituem a primeira parte dos estudos da área de abrangência do Projeto Pró-Gavião. A partir dos resultados desta pesquisa serão sugeridas mudanças nos sistemas de produção.

Posteriormente, outras avaliações com os mesmos produtores entrevistados serão realizadas após dois anos e meio e cinco anos, visando verificar os impactos com

as tecnologias implantadas no período. As informações registradas irão servir como referência para os órgãos, no sentido de conduzirem ações de transferência de tecnologia que atendam às necessidades reais do município estudado. A proposta deste estudo visa apoiar a pesquisa e o planejamento do desenvolvimento rural. Para isso, os dados foram organizados de forma a evidenciar o comportamento da posse e do uso da terra, a força de trabalho, a população, a produção agropecuária, a tecnologia, as receitas e a remuneração do capital das explorações entre outras.

O estudo realizado no município de Guajeru-BA identificou sete tipos de sistemas agrícolas praticados pelos pequenos produtores assim distribuídos:

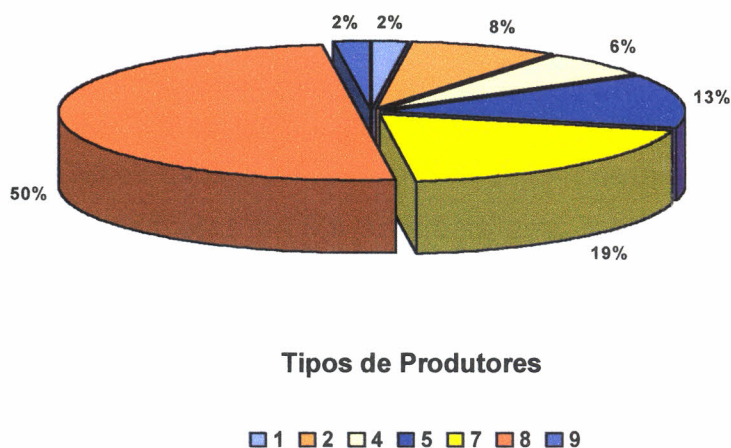


Figura 2. Distribuição dos tipos de sistemas agrícolas. Guajeru-BA, 1998.

Considerando o número total de propriedades com menos de 100 ha no município (IBGE, 1998c) e o número de propriedades enquadradas em cada tipo, segundo a pesquisa, verifica-se que a maioria dos estabelecimentos praticam o sistema de produção caracterizado como Tipo 8 (pecuária diversificada) com 575 estabelecimentos, seguido do Tipo 7 (pecuária) com 218, representando, juntos, 69% (Quadro 12).

Quadro 12. Propriedades com menos de 100 ha, por tipo de Guajeru-BA, 1998.

Tipos	Quantidade	Percentual (%)
1	23	2
2	92	8
4	69	6
5	150	13
7	218	19
8	575	50
9	23	2
Total	1.150	100

Fonte: IBGE, 1998c.

5.1.TIPO 1. Agricultura de Sobrevivência

- **Estrutura da Propriedade**

Os produtores que compõem o Tipo 1 correspondem a 2% da amostra pesquisada, possuem área média total de 18,0 ha. A caatinga ocupa, em média, 12,0 ha e as pastagens têm área média de 4,0 ha. Destinam, em média, 3,5 ha a exploração de culturas tradicionais, entre elas o feijão e milho. Não possuem áreas com cultivos comerciais. Esses produtores não possuem animais de grande porte; possuem, porém, em média, 0,5 suíno e 4 aves.

- **Composição do Capital**

O valor médio da composição total do capital nestas propriedades atinge R\$ 4.669,50, sendo que o valor da terra representa quase 50% deste total. A relação entre capital de exploração¹ e capital de fundação² é de R\$ 1,00 para R\$ 3,80 imobilizados (Quadro 13).

1. Capital de Exploração refere-se aos estoques, culturas perenes, animais em geral (exceto os que são empregados para o trabalho).

2. Capital de Fundação refere-se ao imobilizado, sejam: terra, máquinas e equipamentos, ferramentas, benfeitorias etc.

Quadro 13. Composição do capital Tipo 1 de Guajeru-BA, 1998.

Capital	Valor (R\$)	%
Inventário animal	78,00	1,7
Inventário de culturas permanentes	920,00	19,7
Máquinas e equipamentos	0	-
Ferramentas e utensílios	201,50	4,3
Construção e benfeitorias	1.310,00	28,0
Terra	2.160,00	46,3
Total	4.669,50	100,0

- **Adoção de Tecnologias**

Das tecnologias, verifica-se que defensivos agrícolas e sementes melhoradas é utilizada por 50% (cada) dos produtores. Como era esperado, devido a existência apenas de pequenos animais, não foi registrado o controle de parasitas, vacinação, mineralização e suplementação alimentar, conforme Quadro 14.

Quadro 14. Uso de tecnologias no processo produtivo Tipo 1 de Guajeru-BA, 1998.

Tecnologias	Utilizam (%)
Sementes melhoradas	50,0
Adubo orgânico	-
Adubo químico	-
Defensivos agrícolas	50,0
Preparo do solo com tração animal	-
Preparo do solo com tração mecânica	-
Controle de endo e ectoparasitas	-
Vacinação	-
Suplementação alimentar	-
Mineralização	-
Irrigação	-

- **Estrutura Familiar e Mão-de-obra**

Os agricultores possuem, em média, 9,5 pessoas por família, das quais 7,4 com idade variando de 15 a 60 anos e diretamente envolvidas no processo produtivo, resultando em 1,3 dependente por ativo. Não contratam mão-de-obra temporária e nem permanente.

- **Equipamentos e Recursos Hídricos**

Os produtores deste tipo não possuem máquinas ou equipamentos agrícolas e também não possuem fonte própria de água.

- **Estrutura de Renda**

Este tipo possui renda bruta média anual de R\$ 1.937,50 e na sua composição (Quadro 15), a maior parte provém da aposentadoria (87,0%) e apenas 10,0% da atividade produtiva agropecuária.

Quadro 15. Composição da renda dos produtores Tipo 1 de Guajeru-BA, 1998.

Fonte da Renda	%
Renda agropecuária	10,0
Venda de mão-de-obra	-
Outra receitas da fazenda	0,7
Salários externos e outras receitas da família	2,3
Aposentadoria	87,0
Total	100,0

5.2.Tipo 2. Agricultura de Subsistência

- **Estrutura da Propriedade**

Os agricultores que formam o Tipo 2 correspondem a 8,0% da amostra pesquisada; possuem estabelecimentos com área média de 5,9 ha, podendo chegar a 30,0 ha; área de caatinga com 3,4 ha em média, área de pastagens com 0,9 ha em média, destinam, em média, 1,2 ha a cultivos tradicionais, e um máximo de 3,0 ha, sendo explorado as culturas de feijão e milho, culturas comerciais são exploradas em 0,01 ha em média; com fruteiras diversas, não possuem animais de grande porte; têm suíno com 0,6 animais em média e 14,6 aves em média.

- **Composição do Capital**

O valor médio da composição do capital nestas propriedades representa, R\$ 3.661,00, sendo 84,0% referente ao valor da terra e construções. A relação entre capital de exploração e capital de fundação, é de R\$ 1,00 para R\$ 9,20 imobilizados (Quadro 16).

Quadro 16. Composição de capital Tipo 2 de Guajeru-BA, 1998.

Capital	Valor (R\$)	%
Inventário animal	66,00	1,8
Inventário de culturas permanentes	293,00	8,0
Máquinas e equipamentos	59,00	1,6
Ferramentas e utensílios	162,00	4,4
Construção e benfeitorias	1.246,00	34,0
Terra	1.835,00	50,2
Total	3.661,00	100,0

- **Uso de Tecnologias**

A adoção de tecnologias apresenta um nível muito baixo, onde se verifica o uso pelos produtores apenas da preparação do solo a tração animal com 62,5%, seguido de sementes melhoradas, adubos orgânico e químico com 12,5% cada (Quadro 17).

Quadro 17. Uso de tecnologias no processo produtivo Tipo 2 de Guajeru-BA, 1998.

Tecnologias	Utilizam (%)
Sementes melhoradas	12,5
Adubo orgânico	12,5
Adubo químico	12,5
Defensivos agrícolas	-
Preparo do solo com tração animal	62,5
Preparo do solo com tração mecânica	-
Controle de endo e ectoparasitas	-
Vacinação	-
Suplementação alimentar	-
Mineralização	-
Irrigação	-

- **Estrutura Familiar e Mão-de-obra**

A família tem em média 4,7 pessoas, das quais 3,3 possuem idade entre 15 e 60 anos e tem 1,4 dependente por ativo. A mão-de-obra temporária contratada é de 0,01 homem/ano e permanente é de 0,1 homem/ano, podendo chegar a 1,0.

- **Equipamentos e Recursos Hídricos**

Neste tipo, 12,5% dos produtores possuem plantadeiras e 37% possuem arados. Não possuem fonte própria de água.

- **Estrutura da Renda**

Apresentam renda bruta média anual de R\$ 1.556,13, podendo chegar a R\$ 3.020,00. Pelo Quadro 18 observa-se que 41,3% da renda são provenientes da aposentadoria e 24,1% dos salários externos e outras receitas da família.

Quadro 18. Composição da renda dos produtores Tipo 2 de Guajeru-BA, 1998.

Fonte da Renda	%
Renda agropecuária	9,1
Venda de mão-de-obra	12,7
Outras receitas da fazenda	12,8
Salários externos e outras receitas da família	24,1
Aposentadoria	41,3
Total	100,0

5.3.TIPO 4. Pecuária de Subsistência

- **Estrutura da Propriedade**

O Tipo 4 representa 6% da amostra estudada. Apresenta propriedades com área média de 25,8 ha, sendo que 18,5 ha são ocupados com caatinga e 6,4 com pastagens; os cultivos tradicionais são explorados em área média de 2,6 ha, com feijão, guandu, fava e milho. Quanto aos rebanhos, possuem, em média, 2,9 U.A. de bovinos, 0,5 U.A suíno e criam, em média, 20,0 aves.

- **Composição do Capital**

O valor da composição do capital nestas propriedades representa, em média, R\$ 9.462,00, sendo 67,8% referente as construções e terra. A relação entre capital de exploração e capital de fundação é de R\$ 1,00 para R\$ 2,80 (Quadro 19).

Quadro 19. Composição do capital dos produtores Tipo 4 de Guajeru-BA, 1998.

Capital	Valor (R\$)	%
Inventário animal	818,00	8,6
Inventário de culturas permanentes	1.663,00	17,6
Máquinas e equipamentos	240,00	2,5
Ferramentas e utensílios	336,00	3,5
Construção e benfeitorias	3.148,00	33,4
Terra	3.257,00	34,4
Total	9.462,00	100,0

- **Adoção de Tecnologias**

Pelo uso de tecnologias apresentadas conforme Quadro 20, verifica-se que a suplementação alimentar tem 100% de utilização pelos produtores, dando seqüência o controle de parasitas e vacinação, com 83,3% (cada).

Quadro 20. Uso de tecnologias pelos produtores Tipo 4 de Guajeru-BA, 1998.

Tecnologias	Utilizam (%)
Sementes melhoradas	33,3
Adubo orgânico	33,3
Adubo químico	-
Defensivos agrícolas	-
Preparo do solo com tração animal	50,0
Preparo do solo com tração mecânica	-
Controle de endo e ectoparasitas	83,3
Vacinação	83,3
Suplementação alimentar	100,0
Mineralização	50,0
Irrigação	-

- **Estrutura Familiar e Mão-de-obra**

As famílias têm, em média, 6,5 pessoas, das quais 4,7 possuem idade variando de 15 a 60 anos e diretamente envolvida no processo produtivo. O número de dependentes por ativo é igual a 1,4. Contratam mão-de-obra temporária com 0,01 homem/ano, em média, e permanente de 0,25 trabalhadores, em média, podendo chegar a 0,75.

- **Equipamentos e Recursos Hídricos**

33,3% dos produtores possuem carros de boi e arado, 50% possuem plantadeiras e 16,7% possuem motobombas e prensas para fazer telha. Não possuem fonte própria de água.

- **Estrutura da Renda**

A renda média bruta anual para este tipo é de R\$ 2.211,67. Através do Quadro 21 verifica-se que a aposentadoria representa 76,4% da renda, sendo esta a mais expressiva, seguida pela renda agropecuária com 12,0%.

Quadro 21. Composição da renda Tipo 4 de Guajeru-BA, 1998.

Fonte de Renda	%
Renda agropecuária	12,0
Venda de mão-de-obra	6,0
Outra receitas da fazenda	2,6
Salários externos e outras receitas da família	3,0
Aposentadoria	76,4
Total	100,0

5.4.TIPO 5. Pecuária Diversificada de Subsistência

- **Estrutura da Propriedade**

Os produtores que integram o Tipo 5 representam 13% da amostra estudada. Possuem propriedades com área média de 19,4 ha, dos quais 10,0 ha são ocupados com caatinga; destinam 7,4 ha a pastagens. Área com cultivos tradicionais é de 2,3 ha, geralmente, feijão, fava, guandu e milho. Os cultivos comerciais ocupam área média de 0,2 ha, sendo exploradas as culturas da mandioca, melancia e outras fruteiras. Na exploração pecuária, constam rebanhos de bovinos, em média, com 2,6 U.A. e possuem 2 suíno em média e 10 no máximo e 17,0 aves, em média.

- **Composição do Capital**

O valor médio da composição total do capital nestas propriedades é de R\$ 7.855,00, destacando-se o valor da terra (38,9%) e das culturas permanentes (22,6%). A relação entre capital de exploração e capital de fundação é em torno de R\$ 1,00 para R\$ 1,85 (Quadro 22).

Quadro 22. Composição do capital dos produtores Tipo 5 de Guajeru-BA, 1998.

Capital	Valor (R\$)	%
Inventário animal	980,00	12,5
Inventário de culturas permanentes	1.773,00	22,6
Máquinas e equipamentos	362,00	4,6
Ferramentas e utensílios	346,00	4,4
Construção e benfeitorias	1.336,00	17,0
Terra	3.058,00	38,9
Total	7.855,00	100,0

- **Adoção de Tecnologias**

Através do uso de tecnologias apresentada no Quadro 23, verifica-se que a preparação do solo tração/animal e vacinação representam 84,6% (cada) de utilização pelos produtores, a suplementação alimentar com 77,0% e o controle de endo e ectoparasitas representando 61,5 % de utilização.

Quadro 23. Uso de tecnologias pelos produtores Tipo 5 de Guajerú-BA, 1998.

Tecnologias	Utilizam (%)
Sementes melhoradas	30,8
Adubo orgânico	38,5
Adubo químico	7,7
Defensivos agrícolas	7,7
Preparo do solo com tração animal	84,6
Preparo do solo com tração mecânica	7,7
Controle de endo e ectoparasitas	61,5
Vacinação	84,6
Suplementação alimentar	77,0
Mineralização	53,8
Irrigação	-

- **Estrutura Familiar e Mão-de-obra**

O tamanho médio das famílias é de 6,4 pessoas, das quais 4 possuem idade entre 15 e 60 anos, engajadas no processo produtivo e possuem 1,6 dependente por ativo. Contratam, em média, 0,06 homem/ano temporariamente e 0,08 trabalhadores permanentes.

- **Equipamentos e Estrutura Hídrica**

15,4% dos produtores possuem plantadeiras e motobombas, 46,1% possuem arados e carros de boi, 7,7% possuem motos, cata-ventos e adubadeiras. Em relação aos recursos hídricos, apenas 7,7% das propriedade possuem fonte de água e provenientes de barreiros.

- **Estrutura da Renda**

Possuem renda bruta média anual de R\$ 2.816,25. Quanto a origem da renda, 64,6% são provenientes da aposentadoria e 15,8% da venda de mão-de-obra (Quadro 24).

Quadro 24. Composição da renda dos produtores Tipo 5 de Guajeru-BA, 1998.

Composição da Renda	%
Renda agropecuária	11,9
Venda de mão-de-obra	15,8
Outras receitas da fazenda	0,7
Salários externos e outras receitas da família	7,0
Aposentadoria	64,6
Total	100,0

5.5. TIPO 7. Pecuária

- **Estrutura da Propriedade**

Este tipo representa 19% do número total de propriedades estudadas. Apresenta propriedades com área média de 49,1 ha, detendo a maior área média dentre todos os tipos. A caatinga ocupa 26,4 ha; 17,2 ha são ocupados com pastagens (capim, leucena e palma) e 4,5 ha com culturas tradicionais, sobressaindo-se as culturas de feijão, fava, guandu e milho. Não possuem áreas com cultivos comerciais. Possuem, em média, 15,1 U.A de bovinos, podendo chegar a 56,1, com uma produção anual de leite de 250 litros. Apresentam, ainda, 22 suínos e 26,7 de aves, em média.

- **Composição do Capital**

A composição do capital nessas propriedades representa, em média, valores de R\$ 18.330,00, sendo 44,0% referente aos inventários animal e das culturas perenes, tornando a relação entre capital de exploração e capital de fundação relativamente equilibrada, em torno de R\$ 1,00 para R\$ 1,27 (Quadro 25).

Quadro 25. Composição do capital dos produtores Tipo 7 de Guajeru-BA, 1998.

Capital	Valor (R\$)	%
Inventário animal	3.935,00	21,5
Inventário de culturas permanentes	4.114,00	22,5
Máquinas e equipamentos	1.431,00	7,8
Ferramentas e utensílios	369,00	2,0
Construção e benfeitorias	2.481,00	13,5
Terra	6.000,00	32,7
Total	18.330,00	100,0

- **Uso de Tecnologias**

O uso de tecnologias está apresentado no Quadro 26, onde se verifica que a suplementação alimentar e a vacinação atingem percentuais acima de 80% de utilização pelos produtores, seguido pelo preparo do solo a tração animal com 66,7%. Não foi registrado o uso de adubo químico.

Quadro 26. Uso de tecnologia pelos produtores Tipo 7 de Guajeru-BA, 1998.

Tecnologias	Utilizam (%)
Sementes melhoradas	22,2
Adubo orgânico	27,8
Adubo químico	-
Defensivos agrícolas	11,1
Preparo do solo com tração animal	66,7
Preparo do solo com tração mecânica	5,6
Controle de endo e ectoparasitas	50,0
Vacinação	83,3
Suplementação alimentar	88,9
Mineralização	50,0
Irrigação	-

- **Estrutura Familiar e Mão-de-obra**

Apresentam, em média, 6,4 pessoas, das quais 4,6 com idade variando de 15 a 60 anos, envolvidas no processo produtivo e têm 1,4 dependente por ativo. A mão-de-obra contratada temporariamente é de 0,01 homem/ano e a permanente é de 0,75 trabalhador, em média, podendo chegar a 4.

- **Equipamentos e Recursos Hídricos**

38,9% das propriedades deste tipo possuem plantadeiras; 5,6% possuem adubadeiras, grades, motobombas e motores; 72,2% possuem arados; 16,7% possuem pulverizadores; 22,2% possuem automóveis, 44,4% carros de boi e 11,1% motos. Quanto a fonte própria de água, 22,2% possuem barreiros.

- **Estrutura da Renda**

A renda média bruta anual é de R\$ 3.257,19. Quanto a origem, 49,6% são provenientes da aposentadoria. A atividade agropecuária vem em segundo lugar, com 36,5% (Quadro 27)

Quadro 27. Composição da renda dos produtores Tipo 7 de Guajeru-BA, 1998.

Composição da Renda	%
Renda agropecuária	36,5
Venda de mão-de-obra	0,2
Outra receitas da fazenda	7,5
Salários externos e outras receitas da família	6,2
Aposentadoria	49,6
Total	100,0

5.6. TIPO 8. Pecuária Diversificada

- **Estrutura da Propriedade**

Este tipo representa 50% do número total de propriedades estudadas. As propriedades apresentam, em média, áreas com 41,3 ha de extensão, sendo 16,6 ha ocupados com caatinga e 16,7 ha com pastagens. A área média explorada com culturas tradicionais é de 4,8 ha, com feijão, fava, guandu, arroz e milho. Os cultivos comerciais ocupam, em média, 0,9 ha, podendo chegar a 2,5 ha, destacando-se a mandioca, cana-de-açúcar, fruteiras diversas, amendoim e algodão. Possuem em média 0,6 U.A. de caprino, podendo este chegar a 19,4

U.A.; 16,1 U.A. de bovinos, podendo chegar a 70; tem uma produção anual de leite de 164 litros. Possuem, ainda, 2,7 suínos, atingindo um máximo de 10 cabeças e uma média de 23,3 aves.

- **Composição do Capital**

O valor da composição do capital nestas propriedades representa, em média, R\$ 21.261,00, sendo 42,70% referente aos inventários animal e das culturas perenes, tornando uma relação entre capital de exploração e capital de fundação, em torno de R\$ 1,00 para R\$ 1,34 (Quadro 28).

Quadro 28. Composição do capital dos produtores Tipo 8 de Guajeru-BA, 1998.

Capital	Valor (R\$)	%
Inventário animal	4.658,00	21,9
Inventário de culturas permanentes	4.427,00	20,8
Máquinas e equipamentos	3.152,00	14,8
Ferramentas e utensílios	531,00	2,5
Construção e benfeitorias	2.358,00	11,1
Terra	6.135,00	28,9
Total	21.261,00	100,0

- **Adoção de Tecnologias**

O uso de tecnologias está apresentado no Quadro 29. Verifica-se que vacinação, suplementação alimentar e preparação do solo/tração animal são usadas por mais de 90% dos produtores; o controle de endo e ectoparasitas com 82% e adubo orgânico com 70% de utilização pelos produtores.

Quadro 29. Uso de tecnologia pelos produtores Tipo 8 de Guajeru-BA, 1998.

Tecnologias	Utilizam (%)
Sementes melhoradas	26,0
Adubo orgânico	70,0
Adubo químico	-
Defensivos agrícolas	16,0
Preparo do solo com tração animal	98,0
Preparo do solo com tração mecânica	2,0
Controle de endo e ectoparasitas	82,0
Vacinação	94,0
Suplementação alimentar	90,0
Mineralização	66,0
Irrigação	-

- **Estrutura Familiar e Mão-de-obra**

Apresentam famílias grandes, tendo, em média, 7,2 pessoas, das quais 5,2 com idade variando de 15 a 60 anos, engajadas no processo produtivo e têm 1,4 dependente por ativo. Contratam, em média, 0,05 homem/ano em regime temporário e 0,2 homem/ano permanente.

- **Equipamentos e Recursos Hídricos**

Neste tipo, 70% dos produtores possuem plantadeiras, 82% arados, 6% grades e máquinas forrageira, 2% tratores e cultivadores, 8% motobombas, 12% motores e automóveis, 14% pulverizadores, 16% motos e 76% carros de boi. Relacionado a fonte de água própria, apenas 24% possuem barreiro.

- **Estrutura da Renda**

Apresentam, em média, renda bruta anual de R\$ 3.153,36, podendo chegar até R\$ 9.284,00. O Quadro 30 contém a sua composição, onde se verifica que 46,0% são provenientes da aposentaria, 34,6% representando a renda agropecuária e 8,1% provenientes dos salários externos e outras receitas da família.

Quadro 30. Composição da renda dos produtores Tipo 8 de Guajeru-BA, 1998.

Composição da Renda	%
Renda agropecuária	34,6
Venda de mão-de-obra	8,1
Outras receitas da fazenda	3,5
Salários externos e outras receitas da família	7,8
Aposentadoria	46,0
Total	100,0

5.7.TIPO 9. Pecuária com Agricultura Comercial

- **Estrutura da Propriedade**

As propriedades que integram o Tipo 9 representam 2% da amostra estudada, possuem área média de 48,5 ha. A caatinga ocupa, em média, 22,0 ha e a área destinada a pastagens (capim e palma) é de 12,7 ha; destinam às culturas tradicionais (feijão, milho, guandu e arroz), em média, 4,7 ha; 4,5 ha às culturas comerciais, cultivando-se, principalmente, fruteiras diversas e mandioca. Quanto à exploração de rebanhos, apresentam, em média, 0,5 U.A de caprino, 18 U.A. de bovinos, podendo chegar a 27; tem uma produção média anual de leite de 192 litros, apresentando, ainda, 4 suínos e 23 aves.

- **Composição do Capital**

O valor da composição do capital nessas propriedades representa, em média, R\$ 19.775,00, sendo 40,60% referente aos inventários animal e das culturas perenes, provocando uma relação entre capital de exploração e capital de fundação, em torno de R\$ 1,00 para R\$ 1,46 imobilizado (Quadro 31).

Quadro 31. Composição do capital Tipo 9 de Guajeru-BA, 1998.

Capital	Valor (R\$)	%
Inventário animal	5.078,00	25,7
Inventário de culturas permanentes	2.949,00	14,9
Máquinas e equipamentos	256,00	1,3
Ferramentas e utensílios	325,00	1,6
Construção e benfeitorias	3.892,00	19,7
Terra	7.275,00	36,8
Total	19.775,00	100,0

- **Adoção de Tecnologias**

O uso de tecnologias está apresentado no Quadro 32, onde verifica-se que as utilizadas por 100% dos produtores são: a mineralização e o preparo do solo a tração animal e as demais são utilizadas, por 50% (cada) dos produtores. Os produtores declararam que não utilizam sementes melhoradas, adubo químico e nenhum sistema de irrigação.

Quadro 32. Uso de tecnologias pelos produtores Tipo 9 de Guajeru -BA, 1998.

Tecnologias	Utilizam(%)
Sementes melhoradas	-
Adubo orgânico	50,0
Adubo químico	-
Defensivos agrícolas	50,0
Uso de tração animal	100,0
Uso de tração mecânica	50,0
Controle de endo e ectoparasitas	50,0
Vacinas	50,0
Suplementação alimentar	50,0
Mineralização	100,0
Irrigação	-

- **Estrutura Familiar e Mão-de-obra**

O tamanho médio da família é de 8,5 pessoas, das quais 6,3 possuem idade entre 15 e 60 anos, participam das atividades agropecuárias e têm 1,4 dependente por ativo; não contratam mão-de-obra temporária, contratam em média 2,4 homem/ano de mão-de-obra permanente.

- **Equipamentos e Recursos Hídricos**

Todas as propriedades possuem plantadeiras e arados. Apenas 50% das propriedades possuem fonte própria de água proveniente de barreiros e cisternas.

- **Estrutura da Renda**

A renda média bruta anual encontrada foi de R\$ 7.656,50, podendo chegar a R\$ 11.387,00. O Quadro 33 contém a sua composição, onde se verifica que 45,4% são provenientes de atividade agropecuária, 32,2% da aposentadoria e 13,4 dos salários externos e de outras receitas da família.

Quadro 33. Composição da renda dos produtores Tipo 9 de Guajeru-BA, 1998.

Composição da Renda	%
Renda agropecuária	45,4
Venda de mão-de-obra	7,8
Outras Receitas da Fazenda	0,3
Salários externos e outras receitas da família	13,4
Aposentadoria	32,2
Total	100,0

6. Perfil Econômico dos Tipos

6.1. Composição do Capital

Observa-se que, na composição do capital, o baixo valor da mão-de-obra disponível, verificado pelo número de pessoas por família que se ocupam na produção, indica uma economia com baixo fluxo monetário. De acordo com a Figura 3, o inventário animal alcança, em média, valores de R\$ 2.500,00.

O inventário animal é muito significativo, e por isso procurou-se analisá-lo, descrevendo os seus componentes em termos monetários. É a parte do patrimônio do produtor que mais sofre alterações, pois os animais podem constituir-se em uma reserva de valores praticamente conversível em dinheiro.

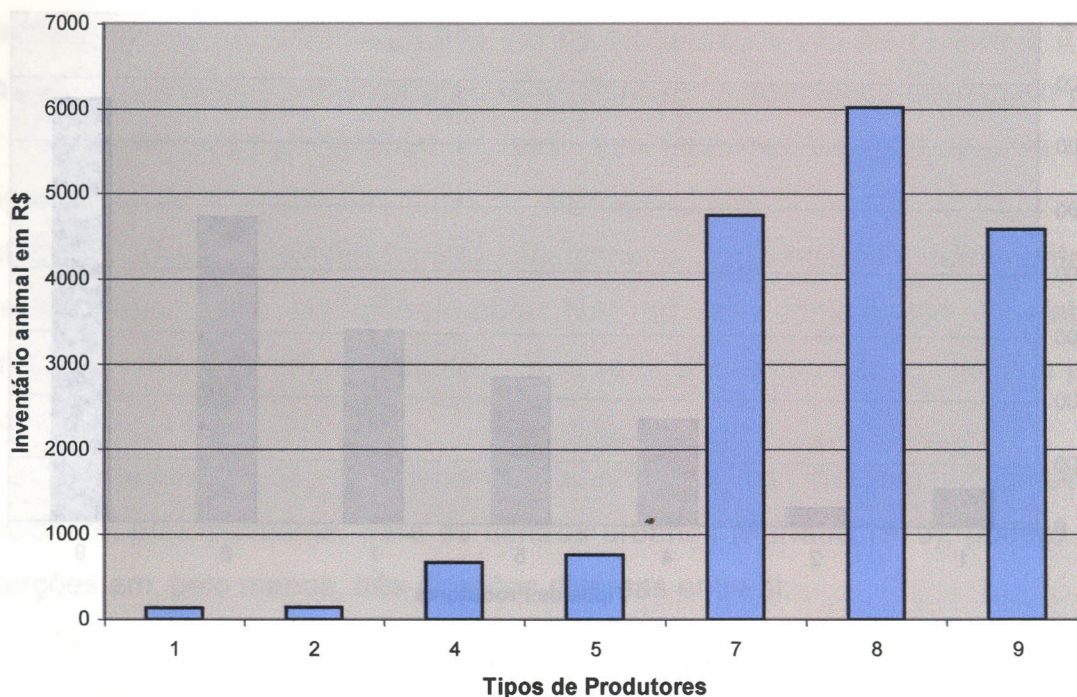


Figura 3. Inventário animal. Guajeru-BA, 1998.

Pode-se observar que esta reserva ou “poupança” dos produtores é relativamente pequena, se comparada ao valor da terra, ao consumo que as pessoas da família teriam em um ano. Os produtores dos Tipos 1 e 2 não possuem bovinos, caprinos e nem ovinos (apenas algumas aves e suínos) e aqueles dos Tipos 4 e 5 possuem apenas um pequeno número de animais, equívulendo, em média, a R\$ 720,00. Estes quatro tipos representam 29% dos produtores pesquisados. Nos demais Tipos (7, 8 e 9), que representam 71% da amostra pesquisada, verifica-se uma reserva maior, principalmente naqueles produtores enquadrados no Tipo 8.

Quanto às culturas permanentes o valor médio do capital investido foi de R\$ 2.800,00. Os Tipos 1 e 2, apresentaram valores de R\$ 613,78 e R\$ 307,30. Os demais tipos, com exceção do Tipo 4, com R\$ 1.638,86, apresentaram valores acima de R\$ 2.330,00, alcançando o máximo no Tipo 9, com R\$ 6.666,50, conforme pode ser verificado na Figura 4.

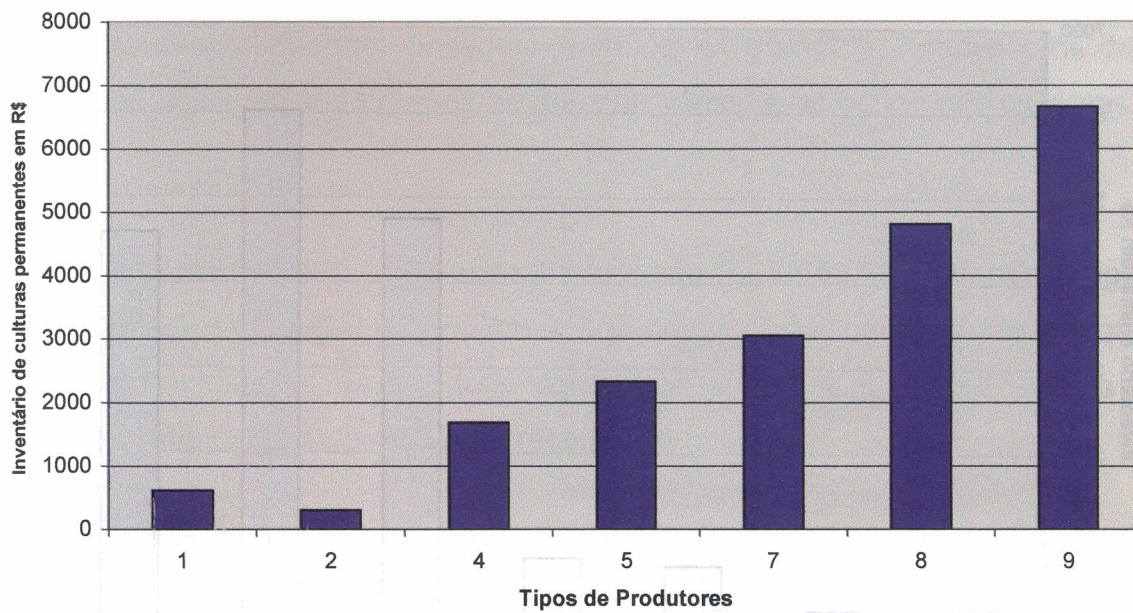


Figura 4. Inventário de culturas permanentes. Guajeru-BA, 1998.

A média de investimento entre todos os tipos em máquinas/equipamentos foi de R\$ 1.200,00. O Tipo 8, com 50% dos produtores enquadrados do universo da pesquisa, apresentou valor de R\$ 1.343,00 (Figura 5).

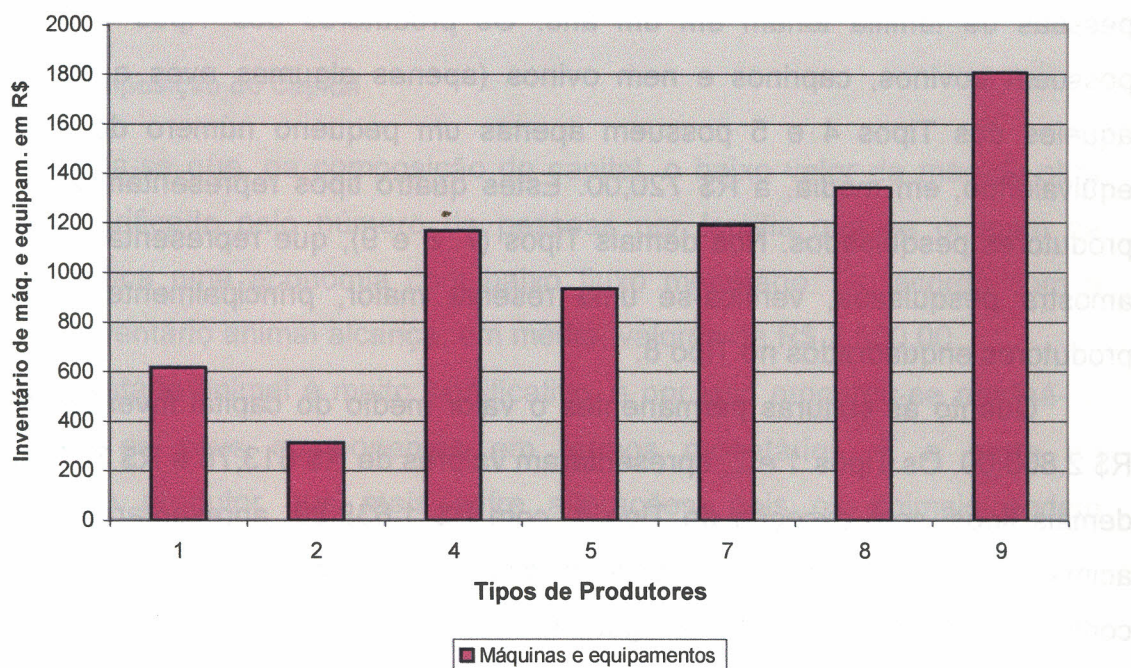


Figura 5. Inventário de máquinas e equipamentos. Guajeru-BA, 1998.

Verifica-se uma estrutura de custo de produção relativamente onerada pela grandeza relativa da sobrecarga dos custos de fundação (ou fixos) devido à sua alta parcela em relação ao valor produzido. Esse resultado pouco expressivo pode ser devido à tecnologia rudimentar, pelo uso intensivo da mão-de-obra, pela insignificante participação dos serviços do capital, que pode agir sobre aqueles custos que são financiáveis como: máquinas e equipamentos, ferramentas e utensílios, insumos e até mão-de-obra. Não há uma combinação dos fatores tecnologia e trabalho, em magnitude tal que se possa remunerar os custos a partir de determinada produção.

No processo de desenvolvimento em que os investimentos que se direcionam, principalmente, para os centros urbanos (Furtado,1979), podem criar distorções em, pelo menos, três direções diversas entre si:

- 1) marcando a linha de crescimento econômico nos setores da indústria de bens de consumo e serviços, basicamente em áreas contempladas com os investimentos públicos. Esse crescimento assume a forma de desorganização da economia artesanal e de subsistência pela progressiva absorção dos fatores liberados (principalmente mão-de-obra) a um nível mais alto de produtividade. Essa liberação da mão-de-obra, mais rápida que a absorção, repercute na fuga ou esgotamento da mão-de-obra preparada no sistema artesanal, provocando a sua desarticulação;
- 2) as populações tendem a emigrar para novos centros, levando consigo suas técnicas e hábitos de consumo que vão paulatinamente sendo abandonados, forçando o desaparecimento de um mercado de produtos tipicamente regional, que cede lugar aos produtos sintéticos de vestuários, utilidades e até de alimentos;
- 3) a linha de expansão da economia industrializada tende a seguir em direção às regiões já ocupadas, ou seja ao mercado ampliado, algumas delas densamente povoadas.

Dentro desse quadro, a revitalização da economia do segmento dos pequenos produtores em estudo não poderá prescindir de linhas de crédito que

possibilitem, pelo lado da produção, uma melhor combinação de fatores apoiada em novas tecnologias e produtos adaptados à região. É necessário, pelo lado social, os investimentos que garantam as demandas mínimas de educação, saúde e transporte, entre outros.

6.2. O Perfil da Principal Fonte de Renda dos Proprietários

Verifica-se na Figura 6 que a aposentadoria é a principal fonte de renda para 51% dos produtores. Os Tipos 7, 8 e 9 tem um percentual maior de sua renda, 36,5, 34,6 e 45,4%, respectivamente, advinda da produção. Isto pode ser explicado pela satisfatória relação entre o capital de exploração e o capital de fundação, que foram as melhores dentre os tipos estudados. Aqueles enquadrados nos Tipos 1 e 4 têm 87% e 76,4% de sua renda, respectivamente, oriunda da aposentadoria, complementadas pela venda de mão-de-obra e outras receitas da família, apresentando na renda oriunda da produção agrícola, a menor participação de todos os tipos estudados.

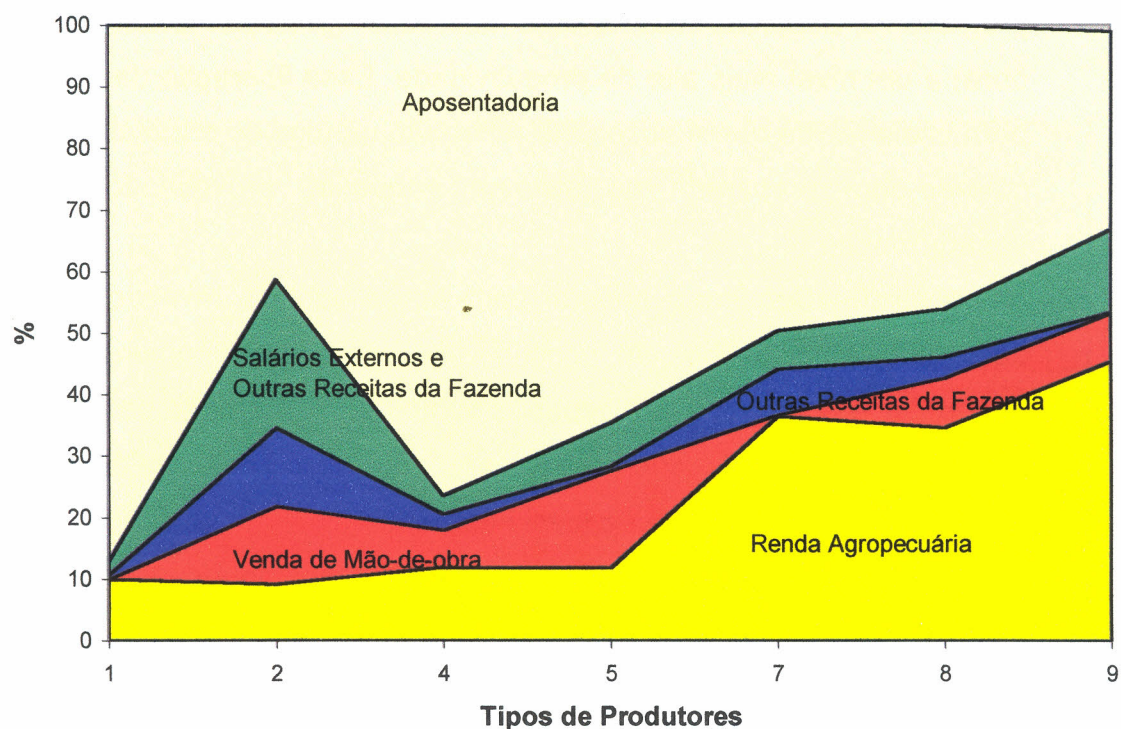


Figura 6. Principais fontes de renda dos produtores. Guajeru-BA, 1998.

6.3. Crédito e Assistência Técnica

Na relação entre capital próprio e de terceiros, não foi constatado endividamento. Verificou-se que 69% do total dos produtores entrevistados declararam não conhecer nenhum tipo de linha de financiamento, com 100% nos Tipos 1, 2 e 9. Os produtores que se destacaram pelo conhecimento de linhas de financiamento foram do Tipo 4, com 50%.

Quando são analisados os dados comparativos de crédito e assistência técnica entre o município de Guajeru e o estado da Bahia (Quadro 34), verifica-se que não houve financiamento para custeio da pecuária e para agricultura ocorreu no valor de R\$ 25.511,00, para 42 produtores. Para investimento agrícola não houve registro e, para pecuária, houve de R\$ 35.604,00, beneficiando 22 produtores. Não foram registrados investimentos para comercialização. Os valores destinados para Guajeru representaram apenas 0,016% do total destinado à Bahia.

Quadro 34. Financiamentos concedidos a produtores e cooperativas por atividade e finalidade de Guajeru-BA, 1996.

Atividade	Tipos							
	Custeio		Investimento		Comercialização		Total	
	Nº Prod.	Valor	Nº Prod.	Valor	Nº Prod.	Valor	Nº Prod.	Valor
Total do estado								
Agrícola	17.661	93.974.252,18	9.307	69.244.018,35	9	776.298,21	26.977	163.994.568,74
Pecuária	807	9.258.085,70	66.726	142.636.769,84	1	25.431,00	67.534	151.920.286,54
Guajeru								
Agrícola	42	25.511,00	0	0	0	0	42	25.511,00
Pecuária	0	0	22	35.604,00	0	0	22	35.604,00

Fonte: Anuário Estatístico da Bahia, 1996.

A baixa utilização de linhas de crédito tem uma relação direta com a baixa produção do setor. O fator área da terra pode ser uma limitação, entretanto, é possível produzir com índices satisfatórios de retorno em pequenas áreas, o que não é possível em grandes áreas sem capital.

7. Perfil Socioeconômico do Segmento

7.1. Estrutura Econômica dos Produtores

Segundo os resultados obtidos, há em todos os tipos uma baixa renda *per capita*. Isto se deve à baixa produtividade do trabalho, uma relação entre o tamanho médio da família e à renda média da propriedade. Os índices de utilização de tecnologia verificados são incipientes para a formação de um excedente sobre o consumo, que seria posto para o mercado; aspecto necessário à manutenção e ampliação da mão-de-obra.

7.2. Estrutura da Mão-de-obra

Observou-se reduzido número de ocupação de mão-de-obra permanente e temporária. A mão-de-obra utilizada na produção é quase sempre familiar, embora os proprietários vendam mão-de-obra, o que, aliás, é uma das importantes fontes de renda.

O trabalho da família é de difícil conversão em valores, pois não é remunerado, não gerando base para quantificação da renda do município ou da região. Uma maneira de quantificá-lo é pelo levantamento do consumo da própria produção mais o de bens adquiridos no mercado, que em síntese, é uma equação igual à própria produção. Observa-se que para uma média de 7,1 pessoas por família, existem 5,0 pessoas com idade entre 15 e 60 anos envolvidas na produção e, com o nível da produção relativamente baixo, é provável que uma parte substancial da produção esteja indo para o consumo da própria família.

7.3. Nível de Instrução

O nível de instrução dos habitantes da zona rural compõe a um modelo no qual a educação é uma primeira limitação setorial. Em todos os grandes setores da economia houve redução na taxa de analfabetismo proporcionalmente ao crescimento populacional. A exceção, talvez seja a área da construção civil, na

qual esta redução é menos pronunciada em função de ser a receptora da mão-de-obra vinda da zona rural.

A educação pode estar relacionada a diversos fatores na economia de subsistência, podendo ser refletida na utilização ou não de tecnologias, baixa produtividade do capital, que se verifica na estagnação e, sobretudo, como fonte alimentadora do êxodo rural.

No Quadro 35, contem o número de pessoas de acordo com o nível de instrução nas áreas rurais de Guajeru. Para um número médio de 7,1 pessoas por família, o índice de analfabetismo para os adultos entre 15 e 60 anos, está em torno de 21,8%; os que chegaram até o 1º grau menor representam 64,5%, os do 1º grau maior, 10,59%, para o 2º grau incompleto 1,08% e 2º grau completo, 2,72%. Não foram encontrados pessoas com nível superior no município. Vale ressaltar que no grupo de analfabetos, a mulher representa 38,5%. No grupo dos que concluíram o 1º grau menor, a mulher representou 58% e no 1º grau maior, 44%. Para o 2º grau homem e mulher estiverem divididos, 50% para cada.

Quadro 35. Nível de instrução dos produtores e famílias (15 a 60 anos) de Guajeru-BA, 1998.

Pessoas 15 a 60 anos	Total (%)	Mulher (%)	Homem (%)
Analfabeto	21,8	38,50	61,50
1º Grau menor	64,5	58,00	42,00
1º Grau maior	10,59	44,00	56,00
2º Grau incompleto	1,08	50,00	50,00
2º Grau completo	2,72	49,50	50,50
Nível superior	0,00	0,00	0,00
Total	100,00	-	-

Buscou-se também identificar o nível de evasão escolar de crianças em idade escolar, constatando-se que 20,88% estão fora escola.

Quadro 36. Evasão escolar das crianças em idade escolar de Guajeru-BA, 1998.

Crianças (< 15 anos)	%
Estudando	79,1
Sem estudar	20,9
Total	100,0

7.4. Nível de Organização

Dos tipos pesquisados, o nível de associativismo está demonstrado na Figura 7, onde se verifica que aqueles que participam de alguma forma de associativismo somente 1,03% participa de cooperativas, 39,70% deles participam de sindicatos e 56,20%, de outros tipos de associações, agremiações esportivas, recreativas ou religiosas. Os sindicatos, pela assistência na área de previdência e saúde - normalmente encaminhando aos órgãos competentes - têm sempre boa participação. Essa participação é distribuída entre quase todos os produtores, sendo exceção o Tipo 1.

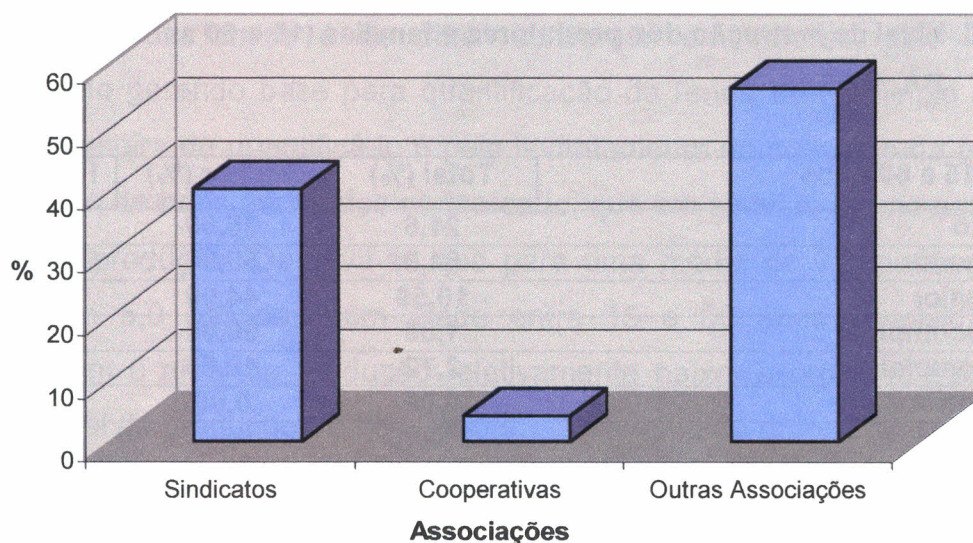


Figura 7. Percentual de associativismo. Guajeru-BA, 1998

7.5. Êxodo Rural

Verificou-se que 1,27 pessoas (15%) por família emigrou para as cidades ou outras regiões e 7,1 pessoas (85%) por família permaneceram na zona rural. Através da Figura 8 observa-se essa situação.

Verificou-se que dentre os tipos pesquisados, nos agricultores pertencentes ao Tipo 5 foi os que menos migraram, tendo o Tipo 1 registrado o maior número: 4,5 pessoas por família. Quando perguntados sobre os motivos que levam a migração, 61% dos produtores informaram que o principal motivo é a baixa renda que se obtém no campo, em seguida, com 24%, informaram que o motivo é a seca e 11% informaram ser a falta de emprego para os filhos.

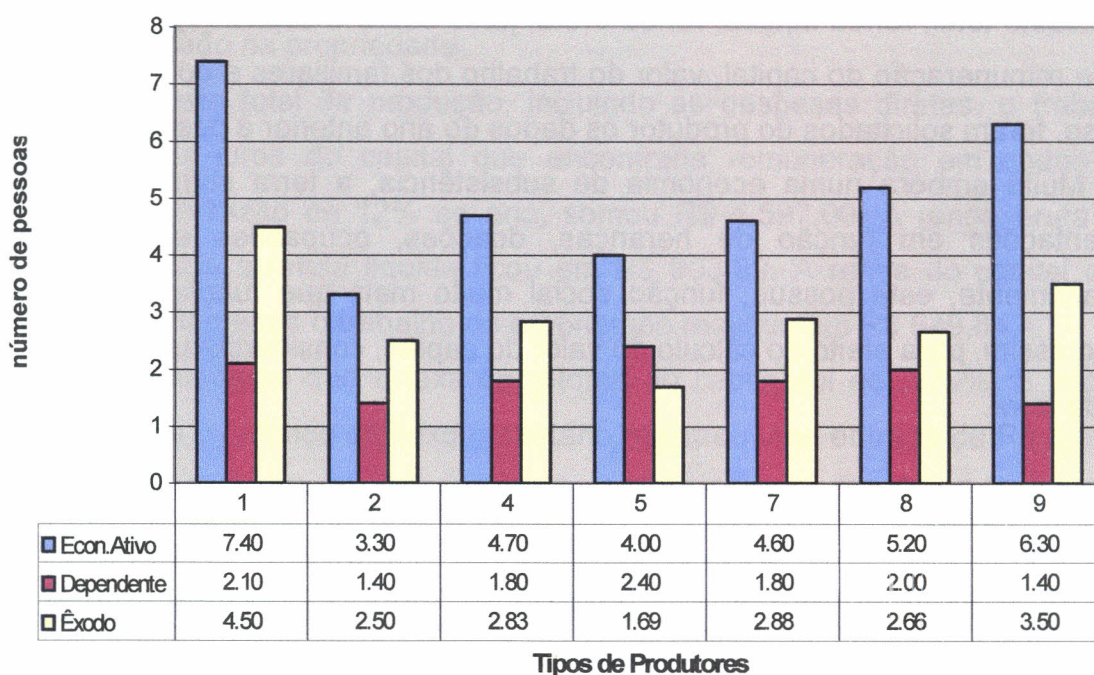


Figura 8. Número de membros da família que migraram para a cidade ou outras regiões de Guajeru-BA, 1998.

8. Produção e Renda

A análise econômica centra o seu foco nos aspectos mensuráveis da atividade produtiva, sem deixar de reconhecer como importantes os aspectos qualitativos desta. Os dados estatísticos levantados atendem a uma especulação sobre a produção e o consumo das famílias estudadas nos aspectos renda e nível da produção. Foram, portanto, considerados os custos de fundação e de exploração para efeito de cálculo do custo total, bem como as receitas da atividade produtiva, no prazo estudado de um ano.

As medidas de resultado econômico encontradas entre as variáveis levantadas pela pesquisa são apresentadas no Quadro 37. O Anexo I traz as definições e conceitos econômicos destas variáveis: receita líquida, despesa direta, custo total, renda líquida, renda bruta, juros sobre o capital (oportunidade), taxa de remuneração do capital, valor do trabalho dos familiares e do proprietário. No caso, foram solicitados do produtor os dados do ano anterior à pesquisa.

Muito embora numa economia de subsistência, a terra sofra freqüentes fragmentações em função de heranças, doações, ocupações entre outros, prioritariamente, esta possui, função social muito mais que função de capital. Mesmo assim, para efeito do cálculo do valor do capital, considerou-se, também, o valor da terra.

Quadro 37. Resultado econômico, pela média, dos produtores de Guajeru-BA, 1998.

Capital de Fundação (R\$)	Receitas Fazenda (R\$)	Despesas (R\$)	Receita Líquida (R\$)	Trabalho Família (R\$)	Custo Total (R\$)
23.263,00	2.093,95	705,92	1.388,03	1.099,92	4.597,00
Outras Receitas (R\$)	Renda Bruta (R\$)	Renda Líquida (R\$)	Renda do Capital (R\$)	Taxa Rem. Capital %	Receita Dinheiro (R\$)
4.112,96	5.500,99	903,99	649,84	2,79	6.206,91

Verifica-se que, em média, o valor do capital foi de R\$ 23.263,00, atingindo um mínimo de R\$ 8.544,61 no Tipo 1.

As receitas brutas do ano, levando em conta tudo o que foi produzido, somadas às outras receitas originadas da atividade da propriedade, da venda de mão-de-obra, aposentadorias e transferências, somaram, em média, R\$ 6.206,91, tendo o mínimo no Tipo 2, com R\$ 1.556,13 anuais.

Enquanto as despesas diretas estiveram em R\$ 705,92, a receita de vendas de produtos foi de R\$ 2.093,95, em média, dando origem a uma receita líquida de R\$ 1.388,03. A menor receita líquida foi a do Tipo 1, com um valor de R\$ 17,01. Nas despesas diretas, os valores mais significativos foram: forragens e rações com R\$ 168,24, transporte com R\$ 188,65, medicamentos e vacinas com R\$ 59,46 e outros custos com R\$ 177,61. O trabalho da família, foi estimado em R\$ 1.099,92 ao ano, considerando o valor da diária paga na região e o número de dias trabalhado na propriedade.

O custo total da produção, incluindo as despesas diretas, o trabalho da família e os juros do capital que encontraria remuneração em caderneta de poupança, à razão de 12% ao ano, somou R\$ 4.597,00. A renda bruta somou R\$ 5.500,99 e a renda líquida ficou em R\$ 903,99. A renda do capital que é a renda líquida menos o trabalho do proprietário resultou em R\$ 649,84.

Observou-se que a taxa de retorno do capital foi de 2,79%. É importante verificar que o balanço do fluxo monetário registrou uma entrada de R\$ 6.206,91 e R\$ 705,92 de despesas, gerando de saldo positivo de R\$ 5.500,99. O produtor considera como lucro o fluxo positivo de dinheiro. Verifica-se que, em média, cada pessoa da família (considerando 5,02 pessoas, em média, que trabalham) terá recebido no ano o equivalente a R\$ 1.100,19.

9. Comercialização

Atualmente, com a transformação e ampliação dos mercados em função da abertura de estradas, do desenvolvimento das comunicações, da eficiência dos transportes, é evidente que isso gera condições para uma distribuição eficiente da

produção. Destarte, a produção deve se utilizar desses meios e ser voltada para o mercado.

Sobre o processo de comercialização, Hoffmann et al. (1981), argumentam que este gera quatro utilidades:

a) da posse (propriedade) – propiciada pela compra e venda, garante a posse a alguém;

b) do lugar – criada pelo transporte, que traz os bens ao mercado acessível ao consumidor;

c) do tempo – criada pelo armazenamento permitindo que determinado produto colhido numa época possa ser vendido em outra, visando maior lucro numa entressafra;

d) da forma – criada pelo beneficiamento, é uma das fases mais importantes de comercialização, onde os produtos são classificados, etiquetados e embalados e tornam-se adequados ao mercado consumidor.

Segundo Marx (1980), o preço de um produto deve ser em função da quantidade de trabalho nele empregado. Entretanto, o preço será dado no mercado em função da utilidade do produto para o consumidor.

A distribuição para o consumo, na maioria das vezes, é feita por grandes e pequenos varejistas; entretanto, em centros menores os próprios produtores podem fazer essa distribuição. Neste contexto, as feiras livres desempenham um papel muito importante, pois além de permitirem que o pequeno produtor comercialize o seu produto diretamente ao consumidor, aumentam o seu lucro.

Segundo dados de pesquisa, a estrutura que possibilitaria condições para a comercialização dos produtos de pequenos produtores é ineficiente. Na primeira fase da comercialização dos produtores dos Tipos 8 e 9 declararam que beneficiam os seus produtos, 70% a 100%.

No aspecto da comercialização, 92,43% dos produtores declararam que sua produção é vendida para feirantes ou pequenos comerciantes; 5,41% vendem para consumidores e 2,16% não vendem.

A falta de transporte é a principal dificuldade para 33,51% dos produtores; para 9,73%, é o difícil acesso à propriedade e para 18,92%, a distância da

propriedade ao centro comercial. Já para os 37,84% restantes dos produtores, há outros fatores, além destes, mas não foram citados.

Quando questionado onde acontece a comercialização, 27,57% dos produtores informaram que comercializam os seus produtos na própria propriedade, 68,65% vendem na cidade, 1,62% vendem para outros lugares e 2,16% não produzem excedente para comercializar.

Essa interdependência entre produção e comercialização, com limitações no preço do mercado, devido às dificuldades de transporte, pode explicar as baixas produções. Significa dizer que a comercialização é um fator a ser criteriosamente estudado.

10. Conclusão

Os Quadros e Figuras apresentados nos tópicos anteriores dão uma visão clara de uma economia de subsistência. Comparando os dados de composição do capital com os valores da produção, e relacionando-os com os dados econômicos aceitos pelo governo para as microempresas, por exemplo, deduz-se que há necessidade urgente de uma política de desenvolvimento direcionada ao setor, com o intuito de elevar a produtividade do capital e aproveitar a mão-de-obra ociosa, visto que o setor agrícola de subsistência não vem atingindo sequer 5% do valor de faturamento da microempresa.

Considerando os fatores terra e capital dos produtores do município Guajeru, induz-se que o aumento da mão-de-obra em nada contribuiria para o aumento da produção, sugerindo que há uma taxa marginal negativa do fator trabalho. Esse contingente ocioso de mão-de-obra busca colocação em outros setores ou outras regiões a um preço superior ao nível de subsistência. A condição legal do proprietário em relação à terra é um fator importante quanto à decisão de investir. Pelos resultados obtidos, constatou-se que 89,18% são proprietários legítimos, 7,22% posseiros; 1,02% meeiro e 2,58% informaram outras formas.

Verificou-se um sistema em moldes pré-capitalistas característico do município de Guajeru, onde 86,83% da população residem na zona rural e produzem nos moldes tipicamente de subsistência, ou seja, pouco para o mercado, com índice de crescimento comprometido por falta de investimento em culturas comerciais.

A literatura sobre agricultura - sobretudo agricultura comercial – considera o uso intensivo de tecnologia como fator essencial aos ganhos no setor, em especial, para aqueles segmentos voltados ao mercado internacional. As condições mínimas de produção devem ser proporcionadas a essas pequenas unidades para que se possa reverter o comportamento em queda da renda do campo e, concomitantemente, evitar o crescimento urbano nas periferias das grandes cidades, tradicionais destinos da migração rural do país.

Segundo os resultados econômicos, observou-se um pequeno excedente de produção. Entretanto, não o suficiente para a saída dos produtores do conhecido “círculo vicioso da pobreza”, que condena a economia desse setor a uma condição praticamente estagnada. Segundo González (1981), o “círculo vicioso da pobreza” é caracterizado por um mercado interno limitado que não gera produtividade porque o capital é insuficiente.

Embora faltem à economia de subsistência, a remuneração do trabalho e a produção para o mercado, características fundamentais do capitalismo, a produção nesse setor pode crescer. Torna-se necessário que o produtor comercialize os seus produtos de forma eficiente, mesmo considerando as limitações como: tamanho da propriedade, recursos técnicos e distância da propriedade para os centros consumidores.

Na pesquisa em campo social, geralmente supõe-se que um certo número de variáveis ocorrem como fatores associados. Assim, por exemplo, o nível de associativismo pode indicar maior disposição para a adoção de tecnologias, criar novas formas de comercialização e, principalmente, a transferência do conhecimento adquirido. Há um nível de associativismo já estabelecido no setor suficiente para iniciar a divulgação de uma nova idéia para o grupo. A

comercialização, por exemplo, como uma das fases mais importantes da agricultura, deve ser implantada juntamente com outras tecnologias.

Nesse aspecto, esforços devem ser direcionados no sentido de completar o circuito produção-consumo, de maneira que uma maior parcela da venda do produto fique com o produtor. A satisfação das necessidades dos consumidores por produtos e serviços adquiridos no mercado, deve considerar que o valor dos produtos é em função da sua *utilidade*. Essa *utilidade* pode ser um dos pontos de partida para a mudança do enfoque em relação aos pequenos produtores. Assim, desenvolver técnicas de comercialização para os pequenos produtores, viabilizar espaços para exposição de seus produtos, divulgar as qualidades dos produtos com características de propaganda, associadas a uma marca ou selo em embalagens adequadas, podem fazer surgir mercado para absorver a produção regional de pequenos produtores.

Reativar o artesanato, valorizar os traços culturais e a culinária podem criar as “externalidades” indispensáveis e necessárias à vida de uma comunidade, assegurando o seu desenvolvimento.

Nesse ambiente, para a área de produção, há uma demanda elástica por tecnologias, equipamentos e treinamentos na área de produção e de comercialização, aplicando técnicas de beneficiamento, conservação, embalagem e vendas.

Verificou-se a existência de uma demanda por cursos e treinamentos. A agropecuária com 79%, seguida do curso de corte e costura com 12%, da agricultura com 11% (lavouras, horticultura, fruticultura, manejo da mandioca, entre outras) e outros cursos (4%), entre os quais, olaria, indicam uma preocupação por atividades fora ou paralelas à produção agrícola. Entretanto 3% dos produtores afirmaram não ter interesse em qualquer curso. Ressalta-se que alguns produtores demandaram interesse por mais de um tipo de treinamento.

Observou-se em vários tipos, índices de melhoria tecnológica, contribuindo para a redução do tradicionalismo vigente. Há casos em que a adoção de tecnologias pelos produtores é de 100%, como na utilização de preparo de solo com tração animal e mineralização. Observou-se, também, que muitos produtores

de vários tipos forneceram suplementação alimentar para seus animais, em razão dos pastos naturais e as forrageiras cultivadas não atenderem às necessidades dos rebanhos durante o ano.

11. Bibliografia Citada

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA BAHIA. Salvador: SEI, v.10, 1996.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA BAHIA. Salvador: SEI, v.11, 1997.

BILAS, R. A. **Teoria microeconômica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. 404p.

BARROS, H. **Economia agrária**. Lisboa: Sá da Costa, 1950. v. 2, 423p.

BARROS, G. S. A de C. **Economia da comercialização agrícola**. Piracicaba: FEALQ, 1987. 306p.

CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES (Salvador, BA). **Informações básicas dos municípios baianos**: região Serra Geral. Salvador, 1994. 168p. il.

DOBB, M. **A evolução do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. 396p.

ESCOBAR, G; BERDEGUE, J., ed. **Tipificación de sistemas de producción agrícola**. Santiago: RIMISP, 1990. 284p

FERGUSON, C. E. **Microeconomia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978. 616p.

FURTADO, C. **Teoria política do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nacional, 1979. 344p.

GONZÁLEZ, H. **O que é subdesenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 122p.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1979. 488p.

HOFFMANN, R.; ENGLER, J. J. de C.; SERRANO, O.; THAME, A.C. de M.; NEVES, E.M. **Administração da empresa agrícola**. 3 ed. São Paulo: Pioneira, 1981. 325 p.

IBGE. Área dos estabelecimentos - Disponível: *site IBGE* (17 fev. 1998a). URL: <http://www.sidra.ibge.gov.br/cgi-bin/prtabl>. Consultado em 06 jan. 1999.

IBGE. Pessoal ocupado (pessoas) - Disponível: *site IBGE* (17 fev. 1998b). URL: <http://www.sidra.ibge.gov.br/cgi-bin/prtabl>. Consultado em 06 jan. 1999.

- IBGE. Número de estabelecimentos agropecuários (unidade) - Disponível: *site IBGE* (17 fev. 1998c). URL: <http://www.sidra.ibge.gov.br/cgi-bin/prtabl>. Consultado em 06 jan. 1999.
- MARX, K. **O capital**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. 305p.
- OLINGER, G. **Êxodo rural**: causas, conseqüências, medidas para diminui-lo. Florianópolis: ACARESC, 1991. 108p. il.
- OLIVEIRA, A. U. de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. Rio de Janeiro: Ática, 1988. 88p.
- OLIVEIRA, C.A.V.; CORREIA, R.C.; BONNAL P. ; CAVALCANTI, N. DE B **Tipologia dos sistemas de produção praticados pelos pequenos produtores do Estado do Ceará**. In CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 35, 1997, Natal. Anais... Natal: SOBER, 1997. CD-ROM.
- OLIVEIRA, C.A.V.; CORREIA, R.C.; BONNAL P.; CAVALCANTI, N.B.; DA SILVA, C.N **Tipologia dos sistemas de produção praticados pelos pequenos produtores do Estado do Rio Grande do Norte**; Anais do III Encontro da Sociedade Brasileira de Sistema de Produção. Florianópolis - SC 26 a 29/05/98. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 3., 1998, Florianópolis. Anais... Florianópolis: SBSP/EPAGRI/ EMBRAPA/IAPAR/UFSC, 1998. CD-ROM.
- PATARRA, I. **Fome no Nordeste brasileiro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. 187p.
- SAS INSTITUTE (Cary, NC, USA). **User's guide** - version 5. Cary, 1985. 487p.
- SAS INSTITUTE (Cary, NC, USA). **User's guide** - version 6. 4.ed. Cary, 1989. v.1, 943p.
- SUKHATME, P.V.; SUKHATME, B.V. **Sampling theory of surveys with applications**. 2.ed. Ames: Iowa State University Press, 1970. 452p.

ANEXO I. - Glossário:

Receita (ingressos) - soma de todos os valores recebidos em um período (neste caso, um ano), representada por dinheiro ou bens, a título de pagamento de bens produzidos na propriedade ou de alienação de equipamentos, terra etc.;

Despesa Direta - representada pelos dispêndios na compra de insumos, tais como adubos, sementes, ração, somados à mão-de-obra contratada;

Receita Líquida – diferença entre a receita e a despesa direta, para se ter um resultado imediato da atividade produtiva, levando-se em conta o capital circulante;

Custo Total - representado pela despesa direta mais o trabalho não remunerado dos familiares, mais a depreciação dos equipamentos etc., mais os juros do capital agrário, inclusive a terra;

Capital - formado pela terra, construções, benfeitorias, máquinas e equipamentos, animais de trabalho e em produção, culturas, capital de giro, etc.;

Trabalho da Família – trabalho do produtor, esposa e filhos;

Renda Bruta – resultado do somatório das vendas de tudo o que é produzido na propriedade, o que foi consumido pela família, aluguéis recebidos, arrendamento e outros serviços prestados a terceiros;

Renda Líquida – resultado da diferença entre Renda Bruta e o Custo Total;

Renda do Capital – resultado da renda líquida menos a renda do proprietário, supondo-a equivalente ao que ele receberia exercendo outra atividade. Estimou-se um valor equivalente às diárias pagas aos trabalhadores rurais na região e

relacionou-se com os dias trabalhados pelo proprietário no seu estabelecimento agrícola;

Taxa de Remuneração do Capital - corresponde à renda do Capital sobre o Valor do Capital, dada em percentual;

Outro índice levado à análise é a Receita em dinheiro somada a outros rendimentos da família tais como, aposentadoria, venda da mão-de-obra ou recursos vindos de outras fontes como atividades do comércio ou transferências feitas por parentes que migraram.



**GOVERNO
DA BAHIA**

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

**SERTÃO
FORTE**

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO
SUSTENTADO DO SEMI-ÁRIDO.



**GOVERNO
FEDERAL**